



Março - Abril de 2004

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Música na Igreja

O Louvor que Deus Aceita



Integridade pessoal

Julia Norcott
 Editora assistente de *Ministry*

Ao chegar o tempo de sua jubilação, o profeta Samuel desafiou o povo a que dissesse se ele o tinha defraudado, oprimido, roubado, ou se havia aceitado suborno de alguém. Em caso afirmativo, disse ele, “eu vo-lo restituirei”. E o povo respondeu: “Em nada nos defraudaste, nem nos oprimiste, nem tomaste coisa alguma da mão de ninguém” (I Sam. 12:1-4).

Quão raramente esse exemplo parece refletido hoje. Mesmo cristãos algumas vezes dizem uma coisa mas vivem outra. A virtude bíblica de integridade aponta a uma consistência entre o interior e o exterior; entre a crença e o comportamento, palavras e ações, valores e prática. “Devemos ter fibra moral, uma integridade que não ceda à lisonja, nem à corrupção, nem às ameaças”, diz Ellen White.

Poucos anos atrás uma pesquisa mostrou que as características mais desejadas em um líder são honestidade e integridade. Como cristãos, somos afortunados por sabermos que Deus é o nosso guia na questão da integridade, porque Seu caráter nunca muda. Não podemos manipular, subornar ou barganhar com Deus, porque Ele jamais compromete Sua perfeita justiça. Circunstâncias ou condições externas não governam Seu amor e bondade. Suas promessas são dignas da nossa confiança. Podemos contar que Deus fará o que diz. “Também a Glória de Israel não mente, nem Se arrepende, porquanto não é homem para que Se arrependa” (I Sam. 15:29).

É essa integridade, modelada por Deus, que forma a base de confiança e o segredo da unidade. Unidade requer integridade porque a verdadeira harmonia não depende da total concordância de opiniões, mas de honestidade, integridade e sinceridade. Certamente haverá diferentes idéias entre genuínos cristãos, simplesmente porque eles são seres pensantes. Pedro e Paulo, bem como Paulo e Barnabé, tinham fortes diferenças de opiniões, mas essas diferenças não prejudicaram sua unidade. A unidade não requer ausência de individualidade; mas respeito e confiança.

Enquanto o Antigo Testamento apresenta a virtude de Samuel como um exemplo de caráter cristão, o Novo Testamento amplia ainda mais o significado. Quando estamos ligados a Cristo, Ele nos dá o manto da Sua perfeição, e nós sintonizamos com Ele para irra-

diar integridade. Paulo ressoa esse pensamento em suas instruções a Timóteo (I Tim. 4:6-16; 6:11-16).

Há muitos exemplos modernos de integridade. Um soldado desfrutava de uma licença e resolveu prolongá-la. Diferente de outros que em tais situações inventavam e exageravam os motivos, ele disse ao seu comandante: “Ninguém morreu, nem há emergência alguma. Eu simplesmente quero desfrutar um pouco mais este maravilhoso período.” O comandante ficou um tanto confuso, pois nunca recebera um tal pedido antes, sem álibi ou desculpas. O soldado apenas falou a verdade e foi atendido: “Em recompensa por sua honestidade, você tem mais cinco dias de licença”, disse o comandante.

Samuel, que liderou Israel desde a época dos juízes ao início do tempo dos reis, desafia todo líder à integridade pessoal. Liderança, para Samuel, era um exercício de fidelidade, responsabilidade; era uma honra. Ele não era honesto porque tencionava ser conhecido como tal. Não vivia para construir uma reputação. Viviam para honrar a Deus e servir o povo. Assim, a evidência de seu mais alto chamado era inegável a todos os que o rodeavam.

A integridade de Samuel permeava cada área de sua vida. Seu compromisso com Deus ditava a maneira como ele considerava suas posses, seus negócios e o tratamento dispensado aos semelhantes. Samuel conduzia-se res-

ponsavelmente diante do povo ao qual liderava. Portanto, estava capacitado para abrir-se totalmente ao escrutínio daqueles com os quais convivera.

No mundo secular, as pessoas anelam a segurança de ter ao seu redor indivíduos confiáveis. Quão mais poderoso é o potencial da demonstração de tal integridade entre os cristãos! Aplicando esse conceito, Ellen White observa: “Seja escrito na consciência como o faria um ponteiro de ferro sobre a rocha, que o verdadeiro êxito nesta vida seja na futura, só pode ser assegurado pela fidelidade aos princípios eternos da justiça.”

Não importa onde estejamos exercendo liderança; deixemo-nos guiar pelos padrões da integridade de Samuel. Que nosso compromisso pessoal com a vida de integridade em Cristo seja evidente àqueles que convivem conosco todos os dias. **M**

**“O verdadeiro
 líder não cede
 à lisonja
 nem à
 corrupção.”**

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Programação Visual: Alexandre Gassul Streicher
Capa: Montagem sobre fotos de
William de Moraes

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón;
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

Colaboradores:
Acílio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Moisés Rivero; Rafael L. Monteiro;
Ricardo Palácios; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

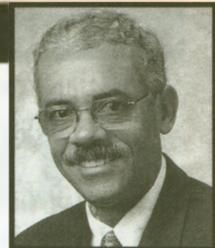
Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br
Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tiragem: 5.100 exemplares
880/12015

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Para Deus, o melhor

No plano da salvação, Deus toma a iniciativa de alcançar o homem. Ele é quem o justifica, santifica e glorifica. Semelhantemente, no culto, a iniciativa do encontro com Suas criaturas pertence a Deus (Êxo. 25:8; João 4:23). No coração da mensagem apocalíptica há um convite divino para adorarmos “Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7).

Comungar com Deus é, sem dúvida, um inaudito privilégio. Os adoradores do Antigo Testamento tinham em mente essa realidade e foram instruídos a utilizar sempre o melhor no serviço de adoração. Como um dos utensílios do santuário israelita, o azeite da unção deveria ser escolhido dentre “as mais excelentes especiarias” (Êxo. 30:23-25); e o incenso também era da melhor qualidade, “puro e santo” (v. 35).

O templo de Salomão foi feito do melhor material existente na época, importado e caro (I Reis 5-7). E que dizer da música utilizada? Os envolvidos no ministério musical do templo eram “instruídos no canto do Senhor, todos eles mestres” (I Crôn. 25:6 e 7). Conseqüentemente, a música apresentada não era de um tipo qualquer.

Essas referências bíblicas nos relembram que, como líderes do culto, necessitamos responder com o melhor dos nossos recursos e talentos ao amoroso convite do Senhor para cultuá-Lo. Isso é verdade, especialmente quando pensamos no perigo de ser envolvidos pela barafunda musical que hoje impera nas programações religiosas populares. A música é um dos maiores dons que Deus deu ao homem e um dos elementos mais importantes de um programa espiritual. É uma das avenidas de comunicação com Deus. Na igreja, ela deve ser regida pela batuta de critérios bem afinados com a missão de preparar-nos e preparar um povo para a volta de Jesus.

João Wilson Faustini escreve, em seu livro *Música e Adoração*, pág. 24: “A finalidade da música na adoração, obviamente, não é teatral ou meramente artística. A arte perderá o seu valor se não estiver enaltecendo o espiritual, isto é, o seu conteúdo religioso. A arte é apenas serva a serviço do culto, e não a finalidade em si. Para o cultivo da arte musical, em benefício da própria arte, existem os teatros. Diante dos olhos de Deus, o coração, isto é, a verdadeira intenção do cantor, é muito importante. ... Agudos exagerados, patetismos sentimentais e espalhafatosos, e tudo mais que chame a atenção sobre si mesmo, perturbam a reverência e o espírito de culto.”

O próprio Senhor não nos deixou na ignorância quanto a esse assunto. Ele nos dará humildade e sabedoria para aceitar e praticar princípios equilibrados que nos permitem fazer o melhor, em Seu louvor.

Zinaldo A. Santos

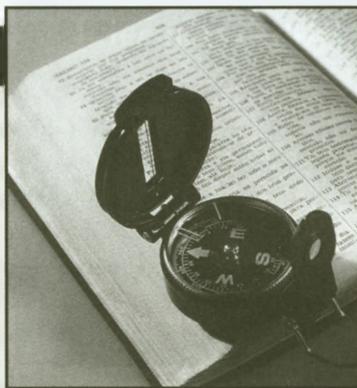
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem prévia autorização escrita do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

ARTIGOS

- 11 • **JUNTOS PARA SEMPRE**
O caminho certo para superar problemas no casamento.
- 14 • **UMA CARTA PERSUASIVA**
Lições da epístola endereçada a Tito.
- 17 • **LOUVOR ACEITÁVEL**
Princípios que norteiam a utilização da música na igreja, segundo Ellen White.
- 21 • **O CONHECIMENTO MAIS NECESSÁRIO**
Conheça a relação entre a inteligência emocional e a espiritual.
- 24 • **NA CONTRAMÃO DO MUNDO**
A essência dos ensinamentos de Cristo sobre liderança.
- 26 • **QUANDO O CÉU ESCURECE**
Como enfrentar e vencer os momentos de crise.
- 28 • **A GUERRA DA ALMA**
Um profundo estudo sobre a vida na carne e a vida no espírito.

SEÇÕES

- 2 SALA PASTORAL
- 3 EDITORIAL
- 4 CARTAS
- 5 ENTREVISTA
- 8 AFAM
- 9 PONTO DE VISTA
- 16 IDÉIAS
- 32 NOTÍCIAS
- 34 RECURSOS
- 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



*“Dá-me um ouvido ouvinte. Quero neste dia o ouvido que não se retrai diante da palavra que corrige e admoesta; ...
A palavra que me desafia à mais profunda consagração e às mais elevadas resoluções.”*

Howard Thurman

CARTAS

Nutrição e evangelismo

O artigo de Wilmore Eva, intitulado “Nutrição espiritual e evangelismo” na edição de novembro/dezembro 2003, parece revelar um ideal baseado na pressuposição de que os pregadores tenham todos os dons. E isso é impossível. Eu não sou pastor, não sou evangelista profissional, e nem sou empregado da denominação. Mas minha experiência como um voluntário ativo me tem exposto a muitas situações que expressam as duas necessidades: nutrição espiritual e evangelismo. O problema é que nem sempre todos os pregadores são completamente dotados para fazer as duas coisas. É o que Paulo disse: Um obreiro planta e outro rega. Precisamos de vários talentos na execução da missão. Sempre devemos ter em mente que Deus nos outorga dons para trabalhar, de acordo com Efésios 4:11: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres.” Não há indicação de que a mesma pessoa receba todos os dons necessários ao desempenho missionário.

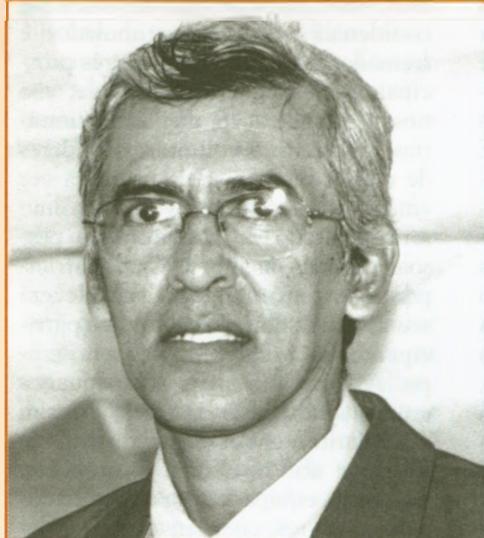
Robert H. Allen, Ontário, Nova York

Responde o autor: Ao escrever o artigo, não tínhamos em mente indivíduos como tais, mas a igreja como um todo, onde justamente encontramos os diversos dons.

A tentação do pregador

Certos livros me intrigam, especialmente livros sobre preparo de sermões. Recentemente comprei um desses e, depois de lê-lo, lamentei haver comprado. E essa não foi a única vez que eu procurei muito para encontrar pouco, até ler o artigo de John McVay (janeiro/fevereiro 2004), intitulado “A tentação do pregador”. Em minha humilde opinião, depois de lê-lo e meditar nele por aproximadamente cinquenta minutos, senti que o autor captou tudo o que é necessário para um sermão. Os primeiros três parágrafos certamente formam uma excelente e concisa introdução. No final do sétimo parágrafo, o corpo do sermão inclui um fervoroso chamado a lutarmos contra o ego e sua fome de reconhecimento. Os últimos dois parágrafos, a conclusão, aplicam essa mensagem a todos nós pregadores. Muito obrigado a você, John McVay, por lembrar-nos a necessidade de glorificar a Deus.

Frank Vessels, Barstow, Califórnia



Zinaldo Santos

No calor do evangelismo

Na aridez no nordeste brasileiro, a igreja distribui Água da Vida

Zinaldo A. Santos

O Pastor Jair Garcia Góis nasceu em Salvador, BA, concluiu o curso teológico em 1985, no antigo Educandário Nordestino Adventista e, em seguida, iniciou suas atividades ministeriais como professor na Associação Bahia. Posteriormente foi pastor distrital em Juazeiro e Itabuna. cursou mestrado em Teologia no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, em São Paulo, e atualmente faz o mestrado em Administração e Liderança na Universidade de Santo Amaro, Unisa, também na capital paulista.

Além de pastor distrital, o Pastor Jair também ocupou as funções de secretário dos departamentos de Jovens Adventistas e Lar e Família, na Associação Bahia, e pastor geral da Associação Pernambucana. No momento, é o secretário ministerial e secretário da União Nordeste-Brasileira, Uneb. É casado com Ivanete Lima Góis, e dessa união nasceram os filhos Edrei e Rísia.

De seu escritório na Uneb, ele falou à revista *Ministério* sobre o fervor missionário, os desafios e conquistas de sua União, e também expôs alguns conceitos relacionados ao trabalho pastoral.

Ministério: *Como é a União Nordeste-Brasileira?*

Pastor Jair: A União Nordeste é formada por oito Estados: Bahia, Sergipe,

Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e Piauí. A região totaliza aproximadamente 43 mil habitantes. Até o final de 2003, tínhamos seis Campos: Associação Bahia (com sede em Salvador), Associação Bahia Sul (sediada em Itabuna), Associação Pernambucana, Missão Costa-Norte (abrangendo os Estados de Ceará e Piauí, com sede em Fortaleza), Missão Sergipe-Alagoas (sediada em Aracaju) e Missão Nordeste (composta pelos Estados de Paraíba e Rio Grande do Norte, tendo a sede em Natal). Mas a partir deste ano, contamos com um novo Campo, a Missão Bahia Central que, a partir de Feira de Santana envolve todo o sertão baiano. Durante oito anos a Uneb cresceu na

seguinte proporção: Em 1996, que foi o primeiro ano da União, éramos 138.261 membros e, até setembro de 2003, chegamos a 219.590 membros, ou seja, 81.329 membros a mais, o que representa um crescimento de 58,82%. Tínhamos, em 1996, 1.467 congregações, e hoje temos 2.243; um aumento de 776 igrejas e grupos, no crescimento de 52,90%. Iniciamos em 1996 com 121 distritos pastorais e hoje contamos com 205; isto é, criamos 84 novos distritos nesse período. Em nosso território está situado o Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Iae, que oferece, além dos cursos fundamentais e médio, os cursos superiores de Teologia, Pedagogia, Administração e Fisioterapia.

Mais do que um método de trabalho, os pequenos grupos são um estilo de vida para a igreja contemporânea.

Ministério: *Que razões justificam a formação de um novo Campo na Bahia; quais os desafios e perspectivas desse Campo?*

Pastor Jair: O desenvolvimento da causa na Bahia, desde que houve a primeira divisão formando a Associação Bahia Sul, em 1998, foi extraordinário. Naquela época todo o Campo estava dividido em 58 distritos pastorais. Por ocasião dessa primeira divisão, a Associação Bahia ficou com 39 distritos. Ao fim de quatro anos, passou para 60 distritos. Esse fato e a extensão geográfica levaram a Associação a solicitar uma segunda divisão. Foi aí que surgiu a Missão Bahia Central, com sede em Feira de Santana, que é a segunda maior cidade do Estado. A Associação Bahia terá então 25 distritos; e a Missão, 35 distritos. A criação do novo Campo certamente permitirá melhor assistência aos quase 26 mil membros. É uma geografia desafiante, existindo muito por ser desbravado. Trata-se de uma região que conta com 480.949 habitantes e muitas cidades sem a presença adventista. Possivelmente seja a parte da Bahia que apresenta sinais mais claros de pobreza; mas é também uma região que oferece grandes possibilidades de crescimento.

Este será o ano de nossa maior semeadura e colheita.

Ministério: *Dentre os métodos utilizados, qual o senhor destacaria como sendo o mais eficaz para a realidade nordestina?*

Pastor Jair: A União Nordeste é formada por um povo afetuoso e receptivo ao evangelho. Existe certo misticismo, que vem das suas origens, mas, de um modo geral, é fácil perceber que o povo está cada vez mais procurando uma fé sólida, sadia. Muitas pessoas são sinceras e andam decepcionadas com suas religiões ou seitas. Para alcançar essa gente, hoje o método evangelístico mais eficaz para a realidade da igreja no nordeste brasileiro são os pequenos grupos. Temos hoje uma igreja em pequenos grupos. São quase 13 mil em todo o território da União Nordeste. Aliás, essa é mais que uma estratégia missionária ou um

método evangelístico para as igrejas. Na verdade, os pequenos grupos são um novo estilo de vida para a igreja contemporânea. Vistos a partir desse prisma, os pequenos grupos não limitam a utilização de outros métodos evangelísticos também apropriados. É um engano imaginar que a implantação de pequenos grupos sepulta a prática de outros métodos. Pelo contrário, promovem esses métodos e lhes servem de apoio. O Espírito Santo distribuiu dons variados, segundo está escrito na primeira carta de Paulo aos coríntios, nos capítulos 12, 13 e 14. Então os pequenos grupos se tornam um núcleo de descoberta, treinamento e motivação para o sábio uso desses dons, além de ser o melhor método de conservação de membros que eu conheço. Os líderes de pequenos grupos são pastores de uma pequena igreja; e essa pequena igreja deve agir como membros de uma só família. Todos devem atuar em benefício do grupo, percebendo todas as necessidades dos seus componentes e agindo em favor delas.

Ministério: *E o envolvimento da irmandade é satisfatório?*

Pastor Jair: A realidade atual poderia ser melhor. Ainda sonhamos com um comprometimento mais expressivo. Atualmente ainda precisamos do envolvimento de nove irmãos para conquistar um novo converso. Isso representa 23,04% de envolvimento missionário. Neste ano teremos 40 mil membros empenhados na missão da igreja, atuando em duplas missionárias, como evangelistas ou diretores de classes bíblicas. Esses 40 mil voluntários estão sendo treinados, de acordo os dons que possuem, para fazer de 2004 o ano máximo do evangelismo.

Ministério: *Quais são as grandes metas da Uneb para 2004, e que estratégias serão utilizadas para atingi-las?*

Pastor Jair: A grande meta da União Nordeste se resume na proposta do plano "Um Milhão em Ação". Estaremos envolvendo 40 mil membros na missão de evangelizar através dos pequenos grupos. Neste ano, cada pequeno grupo terá seu próprio alvo

na conquista de conversos, e os membros, sob a coordenação dos líderes e coordenadores, serão estimulados e treinados de acordo com as três principais opções que, na verdade, são nossa linha de ação: duplas missionárias, evangelistas voluntários e líderes de classes bíblicas. Pela primeira vez em nossa história, o alvo de batismo será resultado do compromisso pessoal de cada membro. Cada participante do pequeno grupo estabelecerá seu alvo. A soma dos alvos dos participantes será o alvo do pequeno grupo. A soma dos alvos dos pequenos grupos será o alvo da igreja e assim por diante, envolvendo distritos e Campos até à União. Motivados, treinados, equipados e acompanhados pelos pastores, coordenadores e líderes de pequenos grupos, eles certamente possibilitarão neste ano nossa maior semeadura e colheita.

Ministério: *Quais são as maiores necessidades que, em seu trabalho como secretário ministerial, o senhor consegue identificar nos pastores, e como é possível satisfazê-las?*

Pastor Jair: No momento, consigo identificar duas necessidades: A primeira é a falta de uma visão quanto ao papel do pastor como treinador. A segunda é a falta daquele mesmo espírito que marcou a história e a vida dos nossos pioneiros. Em relação à primeira necessidade, estamos trabalhando para transformar nossos pastores em treinadores, possibilitando-lhes a aquisição de equipamentos, oferecendo treinamento e recursos. No que tange à segunda necessidade, depende mais deles do que de nós, porque o amor histórico dos pioneiros e o espírito de sacrifício são resultados de um relacionamento pessoal com Cristo.

Ministério: *Ultimamente questiona-se autoridade, valores, conceitos de vida, doutrina, e a igreja tem sido afetada. O que o pastor deveria fazer para administrar e resolver conflitos nesse contexto?*

Pastor Jair: Hoje, mais do que nunca, o pastor precisa exercitar a prudência. Acredito que ele nunca deveria se envolver em discussões vazias, nem permitir que seu tempo e seus talentos sejam desviados para questões que não envolvam a salvação de pessoas por quem Cristo deu a vida. Tam-

bém acredito que ele precisa ser um profundo conhecedor da Bíblia e da história de nossa Igreja. Além disso, precisa seguir o exemplo de Daniel, que não deu aos seus inimigos motivo para executá-lo (Dan. 6:4 e 5); ou seja, precisa ser íntegro.

Ministério: *Nesta era de alta tecnologia, o que o senhor diria aos pastores sobre a visitação de casa em casa?*

Pastor Jair: A visitação é e sempre será o maior recurso de que o pastor dispõe para conhecer e atender as principais necessidades das ovelhas. Nenhuma tecnologia pode substituir a eficácia desse recurso ministerial. O pastor pode lançar mão de toda modernidade para uma ajuda rápida; mas essa ajuda impessoal não produz efeitos duradouros. O pastor, se tem um distrito grande, deve contar com a ajuda de líderes voluntários que possuem o dom da visitação, e assim multiplicar através deles a sua eficiência. Em nossa região, o líder do pequeno grupo coordena a visita aos membros de sua pequena congregação. As visitas são freqüentes, e quando surge algum problema que desafia a competência do líder voluntário, então o pastor é requisitado.

Ministério: *Que orientações o senhor dá aos pastores quanto ao relacionamento deles com os anciãos e outros oficiais da igreja?*

Pastor Jair: Os anciãos e demais oficiais formam o time do pastor. O pastor é o técnico dessa equipe. No último campeonato mundial de futebol, o selecionado brasileiro recebeu a alcunha de "família Escolarini", numa referência ao seu treinador. Lembro-me de que, após a conquista do título, certo repórter perguntou a um jogador quem seria o principal responsável pela conquista. A resposta do atleta foi: "Não atribuo essa conquista a um único nome. Atuamos como equipe. Todos fizemos nossa parte." Os pastores, anciãos e oficiais fazem parte de uma mesma equipe, da qual, repito, o pastor é o técnico. Se ele souber reconhecer, valorizar e recompensar o esforço de cada membro, será sempre um líder bem-sucedido.

Ministério: *Uma prática da União Nordeste é permitir que os anciãos realizem batismos. O que levou a lideran-*

ça a estabelecer tal programa? O senhor acha que ele deveria ser estendido indiscriminadamente?

Pastor Jair: O batismo realizado pelos anciãos ocorre somente no mês de janeiro, quando todos os pastores estão de férias. Os anciãos recebem autorização para batizar somente as pessoas que tomaram a decisão durante campanhas evangelísticas conduzidas por eles mesmos. Os anciãos que batizam nessa época fazem antes um projeto evangelístico junto com o pastor. Em seguida, seus nomes são enviados à Comissão Diretiva do Campo, que autoriza a realização da cerimônia, restrita ao período e às condições já mencionados.

Ministério: *Sob que critérios o senhor crê que um pastor é verdadeiramente avaliado com justiça?*

Pastor Jair: A Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana, coordenada pelos Pastores Alejandro Bulón e Jonas Arrais, preparou uma folha de avaliação que está incluída no *Manual Para Secretários Ministeriais*. Nessa folha de avaliação que alguns Campos usam, tanto para avaliar aspirantes como pastores ordenados, existem sete itens que são: Comportamento Social, Atributos Espirituais, Aparência Pessoal, Pregação, O Pastor como Administrador, A Família do Pastor, e sua Vida Profissional. Essa é a única avaliação que nós usamos. E creio que tem critérios justos.

Ministério: *Contra que perigos específicos da época atual, o senhor acha que o pastor e sua família devem precaver-se?*

Pastor Jair: Eu poderia mencionar os perigos morais, financeiros, conceituais, perigos embutidos no apego ao poder, secularismo e outros mais. O pastor é um ser humano. Ele e os membros da sua família estão sujeitos às mesmas tentações enfrentadas por qualquer outro membro da igreja. A proteção para o pastor e para todos os cristãos é o Senhor Jesus Cristo. Ele é a nossa salvaguarda. Independente de posição ou função na igreja, todo cristão precisa de Cristo. Sem Ele, sem a leitura diária da Bíblia e sem oração, todos nós corremos perigo.

Ministério: *Qual o programa da Associação Ministerial da Uneb para assistir aos pastores e suas famílias?*

Pastor Jair: A Uneb trabalha em parceria com os Campos, estimulando para que ocorra periodicamente encontros com as famílias ministeriais, concílios da Afam, encontros de filhos de obreiros, etc. No quinquênio ocorrem dois grandes encon-

Nenhuma tecnologia moderna substitui a eficácia da visitação pastoral.

tros gerais, coordenados pela Associação Ministerial e pela Afam, respectivamente para os pastores e para suas esposas. Somam-se a esses outros esforços, como o Clube do Livro através do qual os casais ministeriais são abastecidos com boa literatura para seu crescimento espiritual, pessoal e profissional. O resultado desse investimento foi medido através de uma pesquisa realizada no último encontro de esposas, a qual revelou que 97% dessas esposas estão satisfeitas com o desempenho da Associação Ministerial e da Afam em nossa União.

Ministério: *Como são a igreja e o pastor dos seus sonhos?*

Pastor Jair: A igreja dos meus sonhos precisa ter o amor da igreja de Esmirna, a fé da igreja de Pérgamo, as obras da igreja de Tiatira, a pureza de alguns membros da igreja de Sardes, a fidelidade da igreja de Filadélfia e a perseverança da igreja de Laodiceia. O pastor dos meus sonhos deveria ter a obediência de Abel, a fé de Abraão, a firmeza de José, a devoção de Daniel, o amor de João e a paixão evangelística de Paulo.

Ministério: *O que o senhor diria a um grupo de pastores, se pudesse falar-lhes apenas uma única vez?*

Pastor Jair: "A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis na consolação" (II Cor. 1:7). **(M)**

“Sai da tua terra”

Em qualquer lugar onde a família pastoral esteja, Deus está lhe dando a oportunidade de ser uma bênção



Rosilene Batista Bullón

Esposa de pastor na Associação Amazônia Ocidental, Brasil

Desliguei o telefone e não sabia o que fazer. Imaginava que aquele dia iria chegar, mas não sabia que seria tão cedo. “Quer se casar comigo?”, foi a pergunta que escutei ao telefone. “Por que a pressa?”, perguntei, e logo veio a resposta: “Querida, estou sendo transferido para o norte do país.”

Isso aconteceu no dia em que eu completava 18 anos. E agora, o que faria? Naquela época estava vivendo em São Paulo e meu namorado já estava a mil quilômetros ao norte. Depois da mudança, a distância entre nós seria de dois mil quilômetros. Estava indecisa e com medo, pois iria para um lugar onde nunca estivera e onde não havia nenhum conhecido. Lembrei-me, então, de uma história que tantas vezes escutei a respeito de um personagem da Bíblia que um dia ouviu a voz de Deus ordenando: “Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa do seu pai e vá para uma terra que Eu lhe mostrarei. ... E você será uma bênção para os outros” (Gên. 12:1 e 2, BLH).

A fé que Abraão possuía não lhe permitiu questionar a Deus. “Não fora uma pequena prova aquela a que foi assim submetido Abraão, nem pequeno o sacrifício que dele se exigira. Fortes laços havia para o prender ao seu país, seus parentes, seu lar. Ele, porém, não hesitou em obedecer ao chamado. Não teve perguntas a fazer concernentes à terra da promessa – se o solo era fértil, e o clima saudável, se o território oferecia um ambiente agradável, e proporcionaria oportunidades para se acumularem riquezas. Deus falara, e Seu servo devia obedecer; o lugar mais feliz da Terra para ele seria aquele em que Deus quisesse que ele se achasse.” – *Patriarcas e Profetas*, pág. 126.

Abraão teria que deixar amigos, família, terra natal e o seu passado. Após a saída seria um peregrino estrangeiro. Não é fácil arrancar as raízes e começar tudo de novo. Ele não era mais um rapazinho, mas um senhor de 75 anos. Você até pode

pensar que foi tudo foi muito tranquilo, mas, uma decisão assim é difícil para qualquer homem com essa idade, ou mesmo a metade dela. Nós buscamos incansavelmente uma vida estável; o desconhecido nos assusta. Será que vou me arrepender da escolha? Como serão as pessoas, a moradia? Perguntas desse tipo vêm à nossa mente quando nos deparamos com mudanças.

Naquele instante, depois de ter refletido na maravilhosa história de Abraão, eu sabia que Deus estava à frente e tinha um propósito. Em seis meses, noivamos e nos casamos. Mudei-me para a cidade da qual meu esposo falava tanto e tão bem, levando na mente uma frase muito sábia de minha mãe: “Sempre vamos para um lugar melhor.” Sou filha de pastor e sei das mudanças que a vida nos proporciona. Mas não importa o lugar no qual você esteja. Lembre-se de que Deus enviou você e lhe deu a oportunidade de conhecer novas pessoas que lhe ensinarão preciosas lições de vida e nunca mais sairão da sua mente.

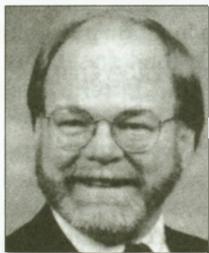
Aceitar o chamado de Deus não livra ninguém das aflições e dificuldades. “Abraão continuou a viajar para o Sul; e de novo foi provada sua fé. Os céus retiveram a chuva, cessaram os rios de correr nos vales, e a relva secou-se nas planícies. Os rebanhos e gado não encontravam pasto, e a morte pela fome ameaçava todo o acampamento. Não pôs agora o patriarca em dúvida a direção da Providência? Não retrocedeu ele os seus olhares saudosos para a abundância das planícies da Caldéia? Todos estavam avidamente atentos para ver o que Abraão faria, ao sobrevir-lhe dificuldade após dificuldade. Enquanto sua confiança pareceu estar inabalável, pressentiam que havia esperança; estavam certos de que Deus era seu amigo, e de que ainda os estava guiando.” – *Idem*, pág. 128.

Deus sabe quantas vezes choramos de saudade dos nossos entes queridos, mas também sabe quantas vezes agradecemos por estarmos em um lugar no qual jamais havíamos pensado estar e conhecermos pessoas que nos tratam e nos amam como seus filhos.

Se por algum motivo você sente-se desanimada e triste em seu novo lugar de trabalho, ore a Deus. Ocupe o tempo com a família, estudando, visitando alguém, lendo a Bíblia e outros livros. Pratique exercícios físicos diários, durma as horas necessárias. Não deixe que o inimigo tenha espaço em sua mente com pensamentos ruins, egoístas e de desânimo. Permita que Deus e as pessoas ao seu redor façam a diferença em sua vida. Aceite o chamado de Cristo para servir onde Ele quiser. Faça a sua parte “e você será uma bênção”. **M**

O norte da mensagem

Somente a pregação orientada pela Bíblia satisfaz as exigências da igreja pós-moderna



Peter Bath

D.Min., pastor titular da igreja adventista de Sligo, Takoma Park, Maryland, Estados Unidos

Como pregadores do evangelho, fomos chamados para remir o tempo (Efés. 5:15-17). Não o tempo passado ou futuro, mas o presente. E na busca do cumprimento dessa tarefa, necessitamos considerar o tempo no qual vivemos.

O resultado de uma pesquisa feita entre norte-americanos nos ajuda a compreender os desafios da época atual:

- Quarenta e um por cento das pessoas que vão à igreja semanalmente aceitaram a Cristo como seu Salvador.

- Uma em cada seis pessoas assiste a várias igrejas rotativamente.

- Apenas 68% dos norte-americanos acreditam em um Deus amoroso, onisciente e onipotente.

- As fontes mais comuns de princípios sobre os quais eles fundamentam seu comportamento são: Os próprios sentimentos – 25%; ensino dos pais – 14%; a Bíblia – 13%.

- Sessenta e seis por cento dos assistentes regulares às igrejas não sabem explicar o significado do culto.

- Cinquenta por cento desses religiosos dizem não ter experimentado ou encontrado Deus no culto, durante o último ano.¹

Essa é a face do mundo pós-moderno, no qual a verdade absoluta e objetiva tende a ser rejeitada, questionada e descartada. Tudo é relativo, e para muitos não existe autoridade objetiva. É esse o tempo que fomos chamados para remir; para mapear uma diretriz confiável e segura.

Direção certa

Um exercício que eu freqüentemente tenho usado para ilustrar o desafio de conhecer e permanecer numa direção adequada é pedir à congregação ou aos membros de uma comissão para fechar os olhos, erguer o braço direito, contar até três e apontar na direção norte.

Invariavelmente há diferença de opiniões. Considerando as muitas versões de norte, eu os convido a olhar ao redor e refletir nas diferentes perspectivas. Então lhes pergunto se gostariam de votar qual direção é o norte. Deveríamos nós tomar uma opinião média e então definir o norte para nós mesmos, como um grupo, ou deveria cada um estar contente com a sua própria visão do que seja norte?

Para ajudar no processo, aponto o norte que é definido por uma bússola que levo comigo. Isso demonstra que o verdadeiro norte não é um assunto para ser discutido, mas a ser observado e incorporado na vida. O norte não é determinado pela soma de opiniões, nem sua direção está aberta ao debate. Ele simplesmente já existe. O norte magnético é um fato que existe fora de nosso controle ou conhecimento. Isto é, nós não o criamos e é o mesmo todo o tempo, exceto por uns poucos graus de variação anual.

A questão é a seguinte: Se você ou eu estivessemos pilotando nossas igrejas num oceano, faria qualquer diferença usar o norte magnético ou as opiniões enérgicas de uma congregação pós-moderna como ponto de referência? Kierkegaard disse isso de outra maneira: “Ou nós conformamos a verdade aos nossos desejos, ou conformamos nossos desejos à verdade.”²

Portanto, conformar-nos à verdade, apesar dos protestos contrários de alguns, resultará em uma viagem e uma chegada sem riscos a um porto seguro. Conformar a verdade aos nossos desejos também nos possibilita uma viagem que pode ser interminavelmente longa, porque nos extraviaremos, ou tragicamente curta, porque naufragaremos.

A bússola

O verdadeiro norte de Deus é a Bíblia. Ela nos aponta o caminho e conta a história da salvação de Deus. Revela os princípios de Sua graça e vontade, e descortina o plano que Ele tem

para nós e o mundo. Fala da paz que, para o discípulo, transcende à compreensão humana, e que, para o apóstolo Paulo, “excede todo o entendimento”; mas é real para todos os que a aceitam (Filip. 4:7).

Aqui está o desafio, e ele não deve ser tido em pouco caso: “Porque a Palavra de Deus é viva, e eficaz, ... e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criação que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Heb. 4:12 e 13).

A vontade de Deus é clara quanto ao nosso papel como ministros do Seu evangelho: “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos” (II Tim. 4:2 e 3).

Não já temos nós chegado a este ponto? Não é o desafio dos nossos dias a existência de pessoas com coceira nos ouvidos, pregadores inseguros quanto ao norte, e um punhado de interessantes mas questionáveis ensinamentos e filosofias bombardeando nossos ouvidos, ansiosos por tomarem o lugar da Palavra de Deus?

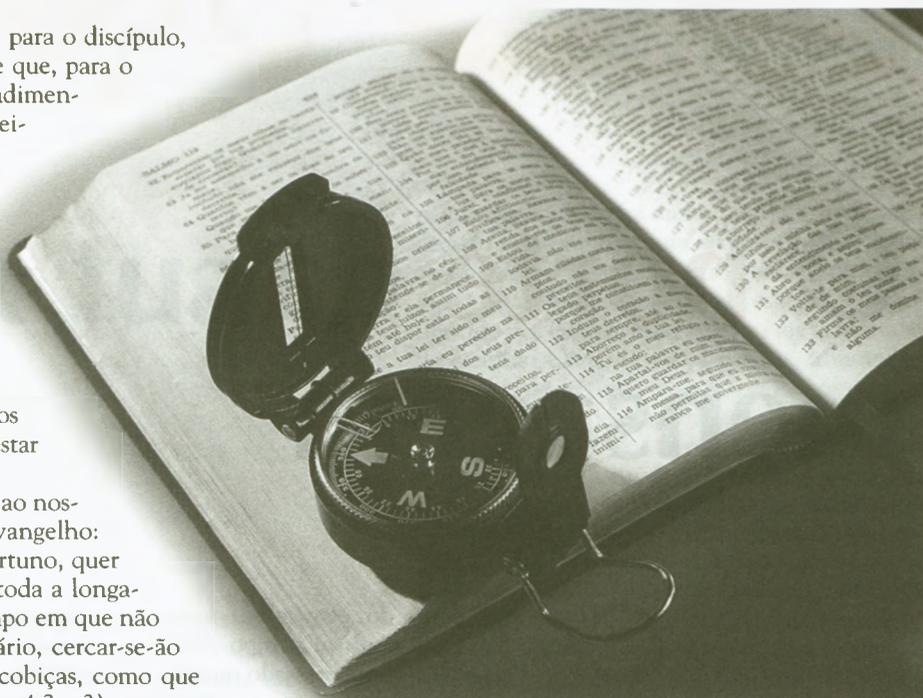
Diante disso, uma parte significativa do estabelecimento da direção está centralizada na fidelidade da pregação à Palavra de Deus: “E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado, evitando os falatórios inúteis e profanos e as contradições do saber, como falsamente lhe chamam” (I Tim. 6:20).

Pregação hoje

Como podemos nós, os pastores, alinhar nossa pregação com a direção estabelecida pela Escritura? Como podemos conformar nosso ministério, nosso chamado e o bom trabalho que devemos realizar? Paul Scott Wilson aponta algumas tendências na maior parte de nossa pregação e as necessidades da era missionária atual:³

- Progressivamente, Deus está ficando ausente de muitos sermões.
- Nossa pregação oferece poucas ilustrações ou sinais de que Deus está ativo no mundo hoje.
- Nossa pregação tende a ser passiva, usando verbos passivos em lugar de verbos de ação.
- Os sermões geralmente são menos prazerosos. Em sua maioria, há menos graça e esperança, embora elas sejam altamente necessárias.
- Segundo Wilson, há uma continuada tendência de colocar sobre o ouvinte a responsabilidade por mudanças e resolução dos problemas, sem disponibilizar a graça já revelada e livremente oferecida.
- As boas-novas não são tão claras como necessitam ser no mundo confuso de hoje. Nossos dias necessitam da mesma mensagem bíblica, mas uma ênfase diferente na graça.

Wilson nota uma tendência para levar as pessoas ao Gólgota, durante um sermão, e deixá-las ali. Talvez ofereçamos um lampejo da tumba vazia, mas deixamos os ouvintes com



um sentido superficial de que a cruz é o memorial da pecaminosidade humana, em lugar de ser o símbolo da autêntica liberdade do pecado.

Avaliação de sermões

Wilson fez um estudo do que ele considerou serem os principais sermões, selecionados de um livro publicado em 1996, intitulado *The Library of Distinctive Sermons*. Trata-se de uma vasta coleção de mensagens apresentadas por bem conhecidos pregadores de várias denominações. Ele tomou 20 sermões e procurou neles evidência dos gratiosos atos de Deus sendo discutidos ou descritos. Eis aqui suas conclusões:⁴

- Trinta por cento dos sermões não mencionam Deus agindo em favor das pessoas. Em vez disso, insistem na habilidade dos ouvintes para efetuar mudanças. Cheios de palavras como “devemos”, “poderíamos” ou “deveríamos”, eles mencionam a fé apenas em ligação com a responsabilidade humana.
- Trinta e cinco por cento tinham breves comentários sobre os atos de Deus, mas usualmente cobriam apenas uma parte do parágrafo.
- Trinta e cinco por cento usaram alguns parágrafos para apontar algumas ações de Deus em favor do povo, mas as referências feitas eram apenas 10% do total do sermão.
- Cinco por cento devotaram metade do sermão aos atos gratiosos de Deus.

Tal avaliação me fez pensar sobre minha responsabilidade no sentido de não adicionar mais cargas sobre os membros da minha igreja, mas erguê-los e conduzi-los a uma experiência responsável com a maravilhosa graça de Deus. Cada um de nós luta com a questão de encontrar diretriz para nossa pregação. Cada um de nós busca ser fiel ao chamado divino. Mas ainda precisamos de um auto-exame constante, a fim de clarear o norte e corrigir nosso curso de ação, quando necessário. **M**

Referências:

- ¹ George Barna e Mark Hatch, *Boiling Point* (Ventura, Calif.: Regal Books, 2001), pág. 241.
- ² Os Guinness, *Time for Truth* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pág. 110.
- ³ Paul Scott Wilson, *The Four Pages of the Sermon* (Nashville: Abingdon Press, 1999), pág. 20.
- ⁴ *Ibidem*, pág. 159.



José Carlos
Ebling

Ph.D., professor no
Centro Universitário
Adventista,
Engenheiro Coelho, SP

Família

Deus quer que os casais imitem o laço de amor existente entre Cristo e Sua igreja, e que se previnam contra os substitutos que às vezes penetram no vácuo de um relacionamento perturbado



Juntos para sempre

“Será que pela nossa lei um homem pode, por qualquer motivo, divorciar-se da sua mulher?”, perguntou a Jesus o esperto fariseu, imaginando que o Mestre não teria resposta. “Desta vez, com certeza O apanhei”, pensou. “Ele não pode dar a resposta certa à minha pergunta. Se disser que o divórcio é legal, perguntarei por que nossos escritos sagrados dizem que o casal, unido por Deus, é uma só carne. Agora, se disser que o casamento é indissolúvel...”

“Por acaso vocês não leram o trecho das Escrituras?”, perguntou Jesus. “Não leram o texto segundo o qual no começo, o Criador os fez homem e mulher, e os dois se tornam uma só pessoa? Assim não são duas pessoas, mas uma só. Portanto, que ninguém separe o que Deus uniu.” (Ver Mat. 19).

“Finalmente nós o pegamos”, pensaram os fariseus que assistiam à cena, enquanto zombavam polidamente por traz dos rostos sérios. “Então, por que”, continuava o interpelador, “Moisés permitiu ao homem dar um documento de divórcio à sua mulher e mandá-la embora?”

Os fariseus seguraram o fôlego, esperando que o Mestre contradissesse Moisés. Era exatamente essa a munição que eles precisavam para comprovar sua convicção. “Nós solenemente juramos que ouvimos esse homem, Jesus de Nazaré, dizer que a lei de Moisés não mais deveria ser mantida ou guardada.” Heresia! Blasfêmia! Fora com Ele, a multidão gritaria. Mas Jesus direcionou a seus inquiridores um longo e triste olhar. “Moisés deu essa permissão por causa da dureza do coração de vocês”, Ele finalmente disse. “Mas, no princípio da criação não era assim. Portanto eu afirmo o seguinte: o homem que se separa de sua mulher, a não ser em caso de adultério, se tornará adúltero se casar com outra mulher.”

Outra vez, um grupo de fariseus tentou desaparecer, saindo pelos fundos. Simplesmente não daria certo levantar-se em um tribunal diante da multidão e dizer: “Este homem diz que a lei de Moisés era necessária por causa dos meus pecados.” Não. Seria muito melhor esperar até que outra evidência mais convincente aparecesse.

Ensino pelo exemplo

Entretanto os discípulos estavam preocupados. Eles sabiam que a pergunta era uma armadilha, mas também sabiam que Jesus acreditava no que falava. Nenhum divórcio é possível? E se a mulher fosse estéril? Ou alcoólatra? Ou preguiçosa? Estaria o casamento destinado a ser uma sentença ou pena de vida?

Um dos discípulos – teria sido Pedro? – cutucou Jesus e disse: “Se o casamento precisa ser assim, então é melhor não casar”, contando com um murmúrio de aprovação dos demais. “Este ensinamento não é para todos, mas somente para aqueles a quem Deus o tem dado” (Mat. 19:11, BLH).

E então o assunto foi encerrado. Muitas crianças, levadas por suas mães, esperavam para ser abençoadas. Mas eu não creio que os discípulos deixaram de pensar no assunto. Divórcio é um tema que desperta a atenção das pessoas. Talvez alguns discípulos estivessem lutando ou estivessem preocupados com os filhos que estavam em situação semelhante. Como poderiam eles resolver seus problemas se o divórcio não fosse permitido?

Se Jesus lhes deu uma resposta direta, isso não está relatado na Bíblia. Mas deu-lhes uma infinidade de respostas indiretas: “Ao que demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa” (Mat. 5:40). “Não te digo que até sete vezes [se deve perdoar], mas até setenta vezes sete” (Mat. 18:22).

Jesus também lhes mostrou Seu modo de vida. Quando faltou um servo, Ele fez o trabalho de lavar os pés aos discípulos. Voluntariamente foi ao Calvário e ao túmulo. Até mesmo após a ressurreição, preparou a refeição da manhã para os discípulos. O Príncipe da Paz lavando os pés, sofrendo, cozinhando o desjejum? Paulo resume o estilo de vida de Jesus, na carta aos filipenses: “Ele sempre teve a mesma natureza de Deus, mas não insistiu em ser igual a Deus. Ao contrário, pela Sua própria vontade, abandonou tudo o que tinha e tomou a natureza de servo. Ele Se tornou semelhante ao ser humano e apareceu na semelhança humana. Ele Se rebaixou, andando nos caminhos da obediência até a morte – e morte na cruz” (Filip. 2:6-8, BLH). Jesus era humilde. Ele estava disposto a servir. Deu tudo o que tinha.

O conselho de Paulo

O que isso tem a ver com o casamento? Paulo disse que um casal cristão deveria seguir o exemplo de Jesus. “Sejam obedientes uns aos outros, pelo respeito que têm a Cristo”, ele escreveu em Efés. 5:21 (BLH). “Mulheres, obedecem aos seus maridos, como obedecem ao Senhor” (v. 22). “Maridos, amem as suas mulheres, assim como Cristo amou a igreja e deu a Sua vida por ela” (v. 25). “Também vocês, maridos, na vida em comum com suas esposas, reconheçam que elas... devem ser tratadas com respeito. ... façam isso para que nada atrapalhe as orações de vocês” (I Ped. 3:7, BLH).

O conselho de Paulo, especialmente na parte que se refere às esposas, está perdendo a popularidade nesta época de liberação. Muitas mulheres ainda concordam que é uma boa idéia para um homem amar sua esposa, mas poucas continuam com a idéia sequencial de que as esposas deveriam submeter-se aos maridos. “Os tempos mudaram”, é o que ouvimos sempre.

Nos dias de Paulo, uma mulher tinha que ser submissa, se quisesse viver. E o apóstolo estava dizendo às

mulheres como deveriam agir da melhor maneira possível em uma situação má. Ele também falou aos escravos que fossem submissos e obedientes; mas isso não significa que ele era favorável à escravidão. A mensagem do evangelho é que todos nós somos um em Cristo Jesus (Gál. 3:28). A mensagem do evangelho, argumentam alguns, livrará a mulher da submissão.

Esclarecendo distorções

Há mais do que uma pitada de verdade no argumento feminista. Os tempos realmente mudaram. Mas, porventura está a submissão desatualizada? O que há na submissão que as mulheres acham tão difícil de praticar? O que é uma mulher submissa? É fraca? Cede aos caprichos do marido? É uma mártir? É um capacho para a família pisar? Deve consentir em ser abusada pelo próprio marido? Recusa-se a assumir a responsabilidade por suas próprias ações? É um ser humano inferior?

São essas as idéias que sobem à mente de muitas pessoas, ao ouvirem a palavra submissão. Se é isso o que sentem; se, para elas, esse é o significado da palavra, então estão certas. A mensagem do evangelho tem destruído toda razão para continuar esse tipo de existência. Mas os escritores bíblicos não viam as mulheres através dessa ótica. Pedro, por exemplo, disse que as mulheres, junto com os homens, eram “co-herdeiras da graça da vida” (I Ped. 3:7). Isto significa que elas são iguais aos homens, diante de Deus. Paulo falou carinhosamente sobre umas doze mulheres cristãs, muito serviciais, incluindo Júnia, a quem ele chamou de apóstolo (Rom. 16:6 e 7). Assim, Paulo não relaciona submissão com timidez ou falta de competência.

O que significa submissão? Significa colocar alguém à frente de você; permitir que outra pessoa seja a primeira. Submissão, nesse caso, significa ser altruísta, não insistir pelo maior pedaço da torta. É continuar e acompanhar o plano de alguma outra pessoa. Por mais liberada e livre que seja, uma pessoa cristã é submissa.

Mas a submissão não acontece naturalmente. Um bebê não nasce altruísta. Gastamos anos tentando ensinar nossos filhos a compartilhar. Lembra-se daquele cântico infantil: “Com duas bocanetas contente estou, mas nada tens e uma te dou”? Algum tempo atrás ouvi da filha de uma amiga e



com ela aprendi uma versão nova que me encantou: “Eu tenho um brinquedo e não tens nenhum; contigo partilho o único meu...”

Quando uma criança chega ao ponto de compartilhar seu único brinquedo, sua única boneca, ou seja lá o que for realmente importante para ela naquele momento, está finalmente começando a entender e desenvolver o altruísmo. E isso é tudo o que significa submissão. É estar disposto a abrir mão de, ou partilhar algo que é realmente importante para você, em favor da felicidade ou do bem-estar de alguém. É ser o tipo de pessoa que Cristo era aqui na Terra.

Submissão é o próprio fundamento do cristianismo. Se isso parece uma declaração muito ampla, pense no que é o oposto de submissão: orgulho. Isso era Lúcifer. Foi ele, e não Cristo, quem disse: “serei semelhante ao Altíssimo” (Isa. 14:14). Cristo, por outro lado, planeja submeter tudo a Deus. Em I Coríntios 15:28, lemos que “quando, porém, todas as coisas Lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também Se sujeitará Àquele que todas as coisas Lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos”.



que faz a esposa? A resposta de Paulo seria: “seja submissa.” A resposta moderna é: “tentem chegar a um meio termo.” A resposta realista é: “os dois brigam.” Fazer um acordo e chegar a um meio termo é ótimo, mas isso geralmente não acontece quando um dos cônjuges está determinado a fazer de acordo com sua própria vontade. Se a esposa é muito liberal para submeter-se, a explosão é inevitável. A menos que o marido subitamente se lembre que é um cristão e decida submeter-se.

“Está bem”, murmura a esposa, com os dentes apertados, “eu serei submissa quando ele o for.” Espere um pouco! Se ele se submete, por que ela precisaria fazê-lo? Essa esposa não está se submetendo; está, sim, negociando.

Limites

Mas, até onde deveria ir a submissão? Como conselheiro matrimonial, tenho acompanhado esposas que foram severamente espancadas pelo marido. Se um marido bate tão violentamente na esposa, de tal modo que ela acaba precisando de uma cirurgia plástica; se ele a agride diante das crianças, deveria ela ser submissa? Evidentemente não. A mulher ideal de Deus, conforme descrita em Provérbios 31, mantém seu auto-respeito. “É forte, respeitada e não tem medo do futuro” (v. 25, BLH). Uma mulher teme a Deus é submissa, mas não ao ponto de perder sua dignidade ou sua própria vida. Não é uma pessoa fraca nem um capacho. Não tem de tolerar um abuso que ameace sua moralidade ou sua própria vida.

Então, uma esposa deveria ser submissa apenas em áreas pequenas e insignificantes? Não. Pela definição de Paulo, ela deve ser submissa enquanto for fisicamente seguro e moralmente permissível. Ela certamente terá de abrir mão de algumas vontades e, talvez, até necessidades. Humanamente falando, nunca é conveniente dar o outro lado do rosto ou ir andar a segunda milha. Entretanto, muitas senhoras se sacrificam por seus filhos. Não fariam elas o mesmo por seus maridos, mesmo quando eles se esquecem de como Cristo amou a igreja e deu-Se a Si mesmo por ela?

Os discípulos ficaram horrorizados quando Cristo disse que o casamento

era permanente. Eles não podiam compreender como alguém se arriscaria a casar, se o divórcio não fosse permitido. Mas eles também não compreendiam muitas outras lições que Jesus desejava lhes ensinar. Quando uma determinada cidade tratou rude e grosseiramente a Jesus, Ele aceitou os insultos e foi para outro lugar. Mas Tiago e João queriam mandar fogo sobre a primeira cidade. Quando os soldados prenderam Jesus, Ele calmamente concordou em ir com eles. Pedro reagiu cortando a orelha do servo do sumo sacerdote.

Pedro, Tiago e João eram os discípulos mais íntimos de Cristo. Levou um longo tempo para que os doze entendessem que Jesus os estava chamando à submissão. Mas eles tiveram de aprender essa lição antes que o Mestre pudesse enviá-los a um mundo hostil para pregarem Sua mensagem de amor e perdão. Tenho a impressão de que, uma vez que eles aprenderam a submeter-se a Cristo e uns aos outros, finalmente compreenderam a declaração de Jesus sobre o divórcio.

Amor incondicional

Atualmente, em alguns países, uma pessoa não precisa alegar infidelidade ou crueldade para obter o divórcio. Tudo o que precisa ser alegado são as diferenças irreconciliáveis ou a incompatibilidade. Mas, pode um casal cristão, duas pessoas que acreditam na humildade, no serviço, e no ilimitado perdão, ter diferenças irreconciliáveis? Não será melhor que ambos, marido e mulher, busquem juntos uma vida de amor verdadeiro e crescente? Lembrem-se de que o caminho de Deus é muito melhor para todos os que desejam trilhá-lo.

É da vontade de Deus, em todo casamento, que o casal ame um ao outro com uma atração espiritual, emocional e física absorvente, que continua a crescer ao longo de toda a sua vida juntos. Deve ficar claro que Deus deseja que os casais imitem o laço de amor que existe entre Cristo e Sua igreja, e que se previnam contra os substitutos que às vezes penetram no vácuo de um relacionamento perturbado.

Procurem desenvolver a visão sugerida em Provérbios 4:25 e 26, BLH: “Olhe firme para a frente, com toda confiança; não abaixe a cabeça envergonhado. Pense bem no que você vai fazer e todos os seus planos darão certo.” **M**

Homem submisso

Espero que ninguém pense na submissão como sendo algo exclusivo para as mulheres. Paulo diz que os esposos e esposas devem ser submissos um ao outro. É absolutamente injusto dizer que um casamento é cristão, se a esposa é submissa e o marido não é. Mas muitos homens cristãos esperam exatamente isso.

A propósito, um casamento unilateral não é necessariamente destinado ao fracasso. Pedro sugere que uma esposa submissa, casada com um homem não-cristão, pode ganhá-lo para Cristo, sem lhe dizer uma palavra. Se o marido é autoritário, a esposa ainda pode escolher ser submissa a ele, e ser enriquecida nesse processo. Mas até que ele se volte e também se submeta, ela não tem um casamento verdadeiramente cristão.

Até mesmo no matrimônio cristão mais comprometido, a submissão às vezes falha. O que acontece quando o marido insiste em ter satisfeita sua vontade, mesmo que seja apenas uma vez? Ele quer passar as férias nas montanhas e ela prefere a praia. Ele se recusa a considerar a praia e começa a gritar, quando ela toca no assunto. O



Milton L. Torres

Ph.D., diretor acadêmico do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Cachoeira, BA, Brasil

Hermenêutica

O que os eruditos dizem a respeito do estilo da epístola que Paulo escreveu a Tito

Uma carta persuasiva

Assim chamadas epístolas pastorais, isto é, as cartas endereçadas a Tito e Timóteo, são, às vezes, negligenciadas pelos estudiosos da Bíblia, já que são curtas e de caráter mais pessoal do que geral. Contudo, elas têm recebido cada vez mais atenção da erudição bíblica desde que Martin Dibelius e Hans Conzelmann provaram que especialmente a epístola a Tito apresenta um estilo muito semelhante àquele empregado pelos filósofos pagãos mais ou menos contemporâneos a Cristo e ao período de escritura do Novo Testamento

Os estudiosos do mundo grego clássico denominam este tipo de discurso persuasivo, destinado a motivar as pessoas à ação, de *parênese*, que é uma palavra derivada do verbo grego *parainéō*, cujo significado é “aconselhar” ou “exortar”. O termo aparece, por exemplo, em Atos 27:22.

Com base no estudo desses chamados “filósofos morais”, tais eruditos chegaram à conclusão de que o gênero parenético apresenta certas características definidas. Dibelius e Conzel-

mann também perceberam essas características na epístola a Tito, a qual consideraram um exemplo típico de parênese. Tais características incluem o uso de modalidades da linguagem de amizade, geralmente marcada pela presença de chichês, um tom *filofrontico*, isto é, como se fosse o tom que um pai usa quando aconselha o filho (cf. Tito 1:4), uma enunciação vigorosa que procura impor um ponto de vista; veja-se por exemplo, Tito 2:15, uma enunciação marcadamente distinta do tom conciliador de uma exposição filosófica, como se vê em autores como Luciano de Samosata e Sêneca.

Verifica-se também a presença de listas de vícios e virtudes, semelhantes às que aparecem em Musônio Rufo e Dio Crisóstomo e também em Tito 1:7-11; 2:2-5. Há o emprego de uma linguagem que contrasta a saúde e a enfermidade da alma, implícita na expressão “sã doutrina” de Tito 2:1 e 8, encontrada também em I Tim. 1:10; II Tim. 4:3 e no filósofo judaico Filo de Alexandria, e “sadio na fé”, de Tito 1:13; 2:2. Observa-se ainda o uso de

declarações gnômicas (o autor afirma seu ponto de vista como se esse fosse uma verdade universal, daí sua fala enfática: “conforme já te mandei”, em Tito 1:5). Finalmente, verifica-se abuso do estilo antitético e justaposição de blocos de assuntos, o que explica a preferência do autor por períodos compostos por coordenação.

Sermão enlatado

O cerne da proposição de Dibelius quanto ao caráter parenético de Tito reside em sua contumaz ênfase no fato de que seria impossível compreender o contexto da epístola porque, segundo ele, a parênese é, em última instância, um “sermão enlatado”. Assim sendo, o autor teria à mão um discurso de caráter geral que ele enviaria a qualquer destinatário que necessitasse de uma mensagem exortativa. Dessa forma, seria inútil qualquer tentativa de compreender, com base no conteúdo da epístola, a situação da igreja de Creta, na qual o destinatário se encontrava, pois a carta não seria uma resposta à necessidade da igreja local, mas uma mensagem, de caráter pouco específico, que serviria à necessidade de qualquer igreja daquele período.

Essa concepção de uma epístola a Tito, formada por sentenças curtas e desconexas e sem uma moldura conceitual definida, está sendo rejeitada atualmente por Abraão Malherbe, professor de teologia da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Malherbe apresentou, meses atrás, uma palestra na Universidade do Texas, na qual mostrou elementos que contrariam a tese tradicional de Dibelius. Segundo o erudito, ainda que a parênese tenha mesmo alguns elementos comuns ao “sermão enlatado”, há uma diferença ao ela levar em atenta consideração a visão de mundo do destinatário ou ouvinte.

Em primeiro lugar, a parênese tem uma dimensão de irrefutabilidade para aquele que a lê em uma carta ou a ouve em um discurso. Assim sendo, é possível, por um lado, apresentar um discurso parenético que estimule a fé, a cidadania e o patriotismo; mas não é possível, por outro lado, apresentar um discurso semelhante promovendo a guerra. O princípio fundamental implícito no gênero é o conceito romano de *authoritas*, autoridade inapelável (cf. Tito 2:15). A mensagem contida na parênese é considerada uma verdade indiscu-

tível, daí as afirmações presentes em Tito como, por exemplo, as de que “Deus não pode mentir” (1:2), e de que “este testemunho é verdadeiro” (1:13).

Uma forma de garantir tal irrefutabilidade provém do uso de ditos sapienciais (provérbios) e poesia. A poesia era, de fato, a mais elevada forma de apresentar uma verdade irrefutável no mundo greco-romano, para o qual os poemas épicos de Homero, Hesíodo e Virgílio mereciam o respeito que hoje dedicamos à Bíblia. É interessante, portanto, que em Tito 1:12 encontramos uma das pouquíssimas referências explícitas aos poetas pagãos em toda a Bíblia (uma outra referência ocorre no sermão de Paulo em Atenas, em Atos 17). É precisamente a irrefutabilidade da parênese que torna os hereges tão perigosos, cf. Tito 3:9-11.

Aprendizado pela repetição

Em segundo lugar, a parênese é marcada pela repetição constante das verdades que defende a fim de impressionar a mente do leitor ou ouvinte. A comunidade representada pela igreja de Creta era uma sociedade em que a oralidade prevalecia. Ouvir era muito mais comum do que ler; daí a ênfase dos autores greco-romanos na importância da repetição como parte do ensinamento dos filósofos morais. Assim, Sêneca advogava que os preceitos parenéticos tinham a função de refrescar

a memória e trazer à lembrança o procedimento justo e correto em determinadas situações. Destarte, seria inútil repetir preceitos uma vez que esses seriam parte de uma verdade universal pertencente a todos os homens.

Contudo, como tais verdades seriam passíveis de ser esquecidas, era necessário seu reforço através da repetição. Da mesma forma, Luciano de Samosata declarava seu prazer em memorizar os textos dos filósofos. Epicuro e Lucrecio também defendiam a memorização como o melhor caminho para a assimilação dos preceitos do epicurismo. Foi essa preocupação, inclusive, que levou Lucrecio a escrever toda a doutrina dos epicureus sob a forma de um longo poema épico, *De Rerum Natura*, a ser memorizado pelos discípulos. Não devemos nos admirar, portanto, que em Tito 3:1 encontremos a injunção: “lembra-lhes”.

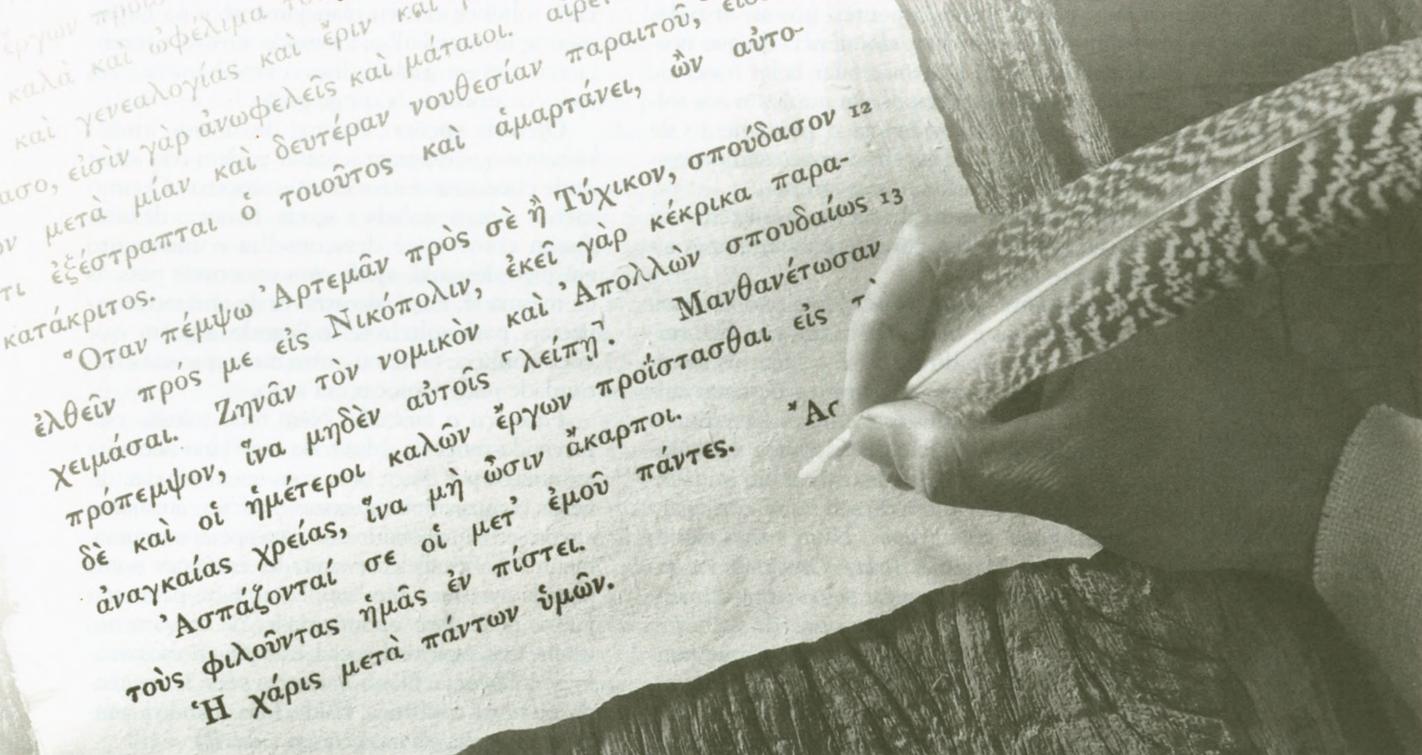
Mensagem relevante

Finalmente, a parênese difere do “sermão enlatado” porque, conforme foi dito anteriormente, ela respeita a visão de mundo do ouvinte ou leitor. Apesar de Paulo ser o escritor do Novo Testamento, que mais faz uso desse gênero, os estoicos foram aqueles que popularizaram a parênese no mundo greco-romano. Tito é supostamente uma carta escrita a um indivíduo, mas, sem dúvida alguma, destinada a toda a

igreja. Ela é geral, mas também aborda problemas específicos. Conforme afirma Plutarco, um sacerdote do paganismo grego, mais ou menos contemporâneo à escritura da epístola a Tito, “a consciência humana está enferma quando perde a razão”. De fato, se a doutrina não for sã, pouca esperança resta para uma vida pautada pela moralidade.

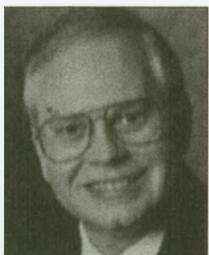
O Antigo Testamento foi traduzido para o grego, dois séculos antes de Cristo, por cerca de setenta sábios, em Alexandria, e a versão foi, por isso, chamada de Septuaginta. Durante as comemorações do feito, encomendado pela dinastia grega, então reinante no Egito, os sábios foram convidados a discursar perante o rei. Seus discursos provocaram satisfação geral e, de acordo com a antiga lenda, o monarca exclamou, admirado, que não importava a escolha dos diferentes estilos de oratória; todos os discursos versaram sobre o mesmo tema: a grandeza de Deus.

No caso da epístola a Tito, por mais significativo e apaixonante que seja o gênero parenético, tampouco parece ser o estilo a coisa mais importante nessa carta. O fundamental é a relevância de sua mensagem para o tempo presente: a necessidade de uma igreja organizada sob a direção divina e composta por pessoas de vida virtuosa. **M**



Pastor de solitários

Como as pessoas solteiras podem ser envolvidas em todos os aspectos da vida da igreja



James A. Cress

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

Seu trabalho mais efetivo por qualquer grupo em sua congregação não é o que você faz por ele, nem para ele, mas o que você faz com ele. Isso é especialmente verdade quando envolve pessoas solteiras.

Muitos solteiros escolheram deixar de assistir ou participar ativamente em uma igreja, porque se sentiram negligenciados, ignorados ou rejeitados. Outros foram evitados em seus tempos de dificuldades. Certa vez ouvi de um irmão: "Quando minha esposa e eu divorcamos, a igreja virtualmente me chutou. Minha vida estava em turbulência. Para onde você vai quando a igreja lhe vira as costas?"

Alguém pode até dizer: "Bem, eles estão enganados. Nós não os evitamos e nunca os declaramos párias." Infelizmente, nossas atitudes sempre falam com mais eloquência do que nossas palavras. Até podemos falar belas frases de efeito, mas nosso descuido em ministrar aos solteiros claramente evidencia o pensamento de que eles são uma bagagem desnecessária acrescentada às famílias de nossas igrejas.

Na tentativa de melhorar seu ministério em relação aos solteiros, considere as seguintes sugestões:

A missão é para todos. Jesus não chamou apenas homens e mulheres casados ao Seu serviço. Se a função do pastor é colocar os membros para trabalhar, isso significa designar ministérios, utilizar todos os membros e recrutar o melhor para o exercício de liderança. Não impeça uma pessoa solteira de realizar um ministério efetivo, só por causa do seu *status* conjugal.

Identifique seus grupos. Num artigo escrito para a revista *Ministries Today*, Cristina Foor encoraja os pastores a começar pelo reconhecimento de cinco diferentes categorias de solteiros, cada uma com necessidades únicas: os que nunca se casaram, os divorciados, os pais solteiros, viúvos e separados. As necessidades espirituais e sociais de um jovem adulto que nunca se casou

provavelmente serão diferentes das necessidades de uma pessoa amadurecida que recentemente ficou viúva. Trabalhe com isso em mente.

Não aceite o status quo. A realidade de que os solteiros às vezes costumam fugir não desculpa a negligência dos pastores e suas congregações. Tanto um ministério específico às suas necessidades como um ministério designado que os inclua na liderança espiritual são essenciais, no sentido de impedir os que se sentem ignorados ou abandonados de se afastarem sorrateiramente. Determine utilizar todo recurso disponível para um ministério efetivo em favor deles. Eleja solteiros como líderes e os encoraje a desenvolver planos para alcançar outros.

Use mas não abuse. Evite tirar vantagem de alguém justamente por ser solteiro. Escolha atividades que caibam nos seus interesses e habilidades, ao invés de impor-lhes tarefas só porque você acha que eles estão disponíveis. Veja o que uma irmã escreveu: "Minha igreja pensa que só porque eu não sou casada, tenho tempo para fazer qualquer coisa, especialmente o que ninguém quer fazer. Sempre me dizem que, como não tenho nada para fazer, posso limpar a cozinha, cuidar de crianças ou planejar refeições. Por que não me convidam para orar, participar do culto ou liderar um grupo de estudo? Essa atitude faz-me sentir desvalorizada."

Não os discrimine. Compreenda os vários tipos de solteiros, mas não os separe do restante da congregação, como se fossem tão diferentes que não caibam nela. Esteja seguro de construir um sentimento de família dentro da igreja, no qual todos se sintam bem aceitos. Virgínia McNerney, autora do livro *Single Not Separate: How to Make the Church a Family*, diz que as igrejas devem incluir solteiros em seu planejamento e na implementação do trabalho. De modo sensível e intencional, devem garantir-lhes o envolvimento em todos os aspectos da congregação.

Ofereça opções. Alguns de nossos irmãos solteiros que esperam se casar podem não saber onde encontrar outros crentes sinceros. Quanto menor e mais isolada a igreja, maior o desafio. Assim como você desaconselha o casamento em jugo desigual, ajude-os a encontrar pessoas da mesma fé. Faça isso através de encontros especiais para solteiros, indicando alguém que você conhece bem, ou outro meio que sua criatividade puder colocar em ação.

Favoreça a amizade. Nem todo solteiro está buscando romance. Mas todo indivíduo necessita ter amigos por quem orar, com quem estudar, divertir, compartilhar interesses e hobbies, engajar-se em projetos missionários, ou para apoiar-se mutuamente. Ao estabelecer amizade, entramos numa sagrada aventura. Um simples convite para estar juntos pode abrir oportunidades de crescimento intelectual, espiritual, social, e ampliar nosso círculo de influência. Nossa iniciativa pode ser recusada, ou nossa confiança, traída. Mas quando a amizade acontece, ela muda nossa vida. **M**



Daniel Oscar Plenc

Ph.D., professor e diretor do Centro de Pesquisa White no Seminário Teológico da Universidade Adventista del Plata, Argentina

Especial

O cântico, como parte do culto religioso, é um ato de adoração, tanto como a prece. É um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais

Louvor perfeito

Dentre os conselhos registrados ao longo dos 70 anos de ministério de Ellen White, estão enunciados certos princípios fundamentais que podem orientar a utilização da música na liturgia da igreja. O propósito deste artigo é apresentar alguns aspectos básicos do lugar ocupado pela música no culto. Ela é um dom de Deus, outorgado com propósitos de adoração, edificação e evangelização. É um presente do Céu, que o homem necessita apreciar e cultivar.

No Céu, a morada de Deus, existe música de louvor. “A melodia de louvor é a atmosfera do Céu; e, quando o Céu vem em contato com a Terra, há música e cântico – ‘ações de graças e voz de melodia’. Isa. 51:3.

“Sobre a Terra recém-criada que aí estava, linda e sem mácula, sob o sorriso de Deus, ‘as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam’. Jó 38:7. Assim, os corações humanos, em simpatia com o Céu, têm correspondido à bondade de Deus em notas de louvor. Muitos dos fatos da história humana se têm ligado a cânticos.”¹

Ellen White é consciente de que a

música tem sido desvirtuada pelo inimigo para servir a maus propósitos. Porém crê que continua sendo um dom que enriquece a vida dos filhos de Deus. “A história dos cânticos da Bíblia está repleta de sugestões quanto aos usos e benefícios da música e do canto. A música muitas vezes é pervertida para servir a fins maus, e assim se torna um dos poderes mais sedutores para a tentação. Corretamente empregada, porém, é um dom precioso de Deus, destinado a erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar a alma.

“Nunca se deve perder de vista o valor do canto como meio de educação. Que haja cântico no lar, de hinos que sejam suaves e puros, e haverá menos palavras de censura e mais de animação, esperança e alegria. Haja canto na escola, e os alunos serão levados para mais perto de Deus, dos professores e uns dos outros.

“Como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto como a oração. Efetivamente, muitos hinos são orações. Se a criança é ensinada a compreender isto, ela pensará mais no sentido das palavras que canta, e se tornará mais suscetível à sua influência.”²

Orientação necessária

A orientação divina sobre a música e o canto evitará os extremos do emocionalismo e do formalismo, do descuido e do profissionalismo. “Os verdadeiros pastores conhecem o valor da obra interior do Espírito Santo sobre o coração humano. Satisfazem-se com a simplicidade nos cultos. Em vez de dar valor ao canto popular, voltam sua atenção principalmente para o estudo da Palavra, e dão de coração louvor a Deus. Acima do adorno exterior, consideram o interior, o ornamento de um espírito manso e quieto. Na sua boca não se acha engano.”

Existem reiteradas advertências sobre o perigo de empregar pessoas não convertidas e métodos mundanos. “Em seus esforços para alcançar o povo, os mensageiros do Senhor não devem seguir as maneiras do mundo. Nas reuniões realizadas, não devem depender de cantores do mundo nem de exibições teatrais para despertar o interesse. Como se pode esperar que aqueles que não têm nenhum interesse na Palavra de Deus, que nunca leram Sua Palavra com sincero desejo de lhe compreender as verdades, cantem com o espírito e entendimento? Como pode seu cora-

ção estar em harmonia com as palavras do canto sagrado? Como se pode o coro celeste unir a uma música, que é meramente uma forma?

“Como pode Deus ser glorificado quando confiais para o vosso canto em um coro mundano que canta por dinheiro? Meu irmão, quando virdes essas coisas em seu verdadeiro aspecto, só tereis em vossas reuniões apenas o canto suave e simples, e pedireis a toda a congregação que se una a esse canto. ...

“Não se deve negligenciar o canto nas reuniões realizadas. Deus pode ser glorificado por esta parte do culto. E quando cantores oferecem seus présti-

Quando o Céu vem em contato com a Terra, há música e cântico.

mos, devem ser aceitos. Dinheiro, porém, não deve ser usado para contratar cantores. Muitas vezes o canto de hinos simples pela congregação tem um encanto não possuído pelo canto de um coro, por mais hábil que seja.

“Exibição não é religião nem santificação. Coisa alguma há, mais ofensiva aos olhos de Deus, do que uma exibição de música instrumental, quando os que nela tomam parte não são consagrados, não estão fazendo em seu coração melodia para o Senhor. A oferta mais agradável aos olhos de Deus é um coração humilhado pela abnegação, pelo tomar a cruz e seguir a Jesus. ...

“Deus é glorificado por hinos de louvor vindos de um coração puro, cheio de amor e devoção para com Ele...

“Aparelhamento faustoso, ótimo canto e música instrumental na igreja não convidam o coro angélico a cantar também. À vista de Deus estas coisas são como os galhos da figueira infrutífera, que só mostrava folhas pretensiosas. Cristo espera fruto, princípios de bondade, simpatia e amor. Estes são os princípios do Céu, e quando se revelam na vida de seres humanos, podemos saber que Cristo, a esperança da glória, está formado em nós. Pode uma congregação ser a mais pobre da Terra, sem música nem ostentação exterior, mas se ela possuir esses princípios, os membros poderão cantar, pois a alegria de Cristo está em sua alma, e esse canto podem eles dedicar como oferenda a Deus. ...

“O Senhor revelou-me que, se o coração está limpo e santificado, e os membros da igreja são participantes da natureza divina, sairá da igreja que crê a verdade um poder que produzirá melodia no coração. Os homens e as mulheres não confiarão então em sua música instrumental, mas no poder e graça de Deus, que proporcionará plenitude de alegria. Há uma obra a fazer: remover o cisco que se tem trazido para dentro da igreja. ...”

Uma experiência de ensino

O claro desejo do Senhor é conduzir o culto a uma experiência serena, livre de confusão e ruído. São ilustrativos os comentários de Ellen White, feitos sobre a música durante a reunião campal de Indiana, em 1900.

“Foi-me dada instrução relativamente à última experiência dos irmãos de Indiana e o ensino que deram às igrejas. Mediante esse movimento e ensino o inimigo tem estado operando para desencaminhar almas.”

“A maneira por que têm sido dirigidas as reuniões em Indiana, com barulho e confusão, não as recomendam a espíritos refletidos e inteligentes. Nada existe nessas demonstrações que convença o mundo de que possuímos a

verdade. Mero ruído e gritos não são sinal de santificação, ou da descida do Espírito Santo. Vossas desenfreadas demonstrações só criam desagrado no espírito dos incrédulos. Quanto menos houver de tais demonstrações, tanto melhor para os atores e para o povo em geral.

“O Espírito Santo nunca Se revela por tais métodos, em tal balbúrdia de ruído. Isso é uma invenção de Satanás para encobrir seus engenhosos métodos para anular o efeito da pura, sincera, elevadora, enobrecedora e santificante verdade para este tempo. É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com música do que usar instrumentos músicos para fazer a obra que, foi-me apresentado em janeiro último, seria introduzida em nossas reuniões campais. A verdade para este tempo não necessita nada dessa espécie em sua obra de converter almas. Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção. As forças dos agentes satânicos misturam-se com o alarido e barulho, para ter um carnaval, e isto é chamado de operação do Espírito Santo. ...

“Essas coisas que aconteceram no passado hão de ocorrer no futuro. Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida. Deus convida Seu povo, que tem a luz diante de si na Palavra e nos Testemunhos, a ler e considerar, e dar ouvidos.”¹⁶



Meio de adoração

Para Ellen White, a música é um veículo adequado para a adoração e o louvor. “A música faz parte do culto de Deus, nas cortes celestiais, e devemos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos aproximar tanto quanto possível da harmonia dos coros celestiais. O devido cultivo da voz é um aspecto importante da educação, e não deve ser negligenciado. O cântico, como parte do culto religioso, é um ato de adoração, tanto como a prece. O coração deve sentir o espírito do cântico, a fim de dar a este a expressão correta.”⁷

“Portanto, ao reunir-vos sábado após sábado, cantai louvores Àquele que vos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz. ... Seja o amor de Cristo a preocupação dos que pregam a Palavra! Seja ele expresso em linguagem simples em cada hino de louvor!”⁸

A música e o canto nas reuniões celestiais constituem-se ofertas de adoração, não atos de gratificação própria. A música da igreja é degradada quando apresentada como um mero espetáculo musical. “Fui dirigida a alguns de vossos ensaios, e fui levada a ler os sentimentos que existiam no grupo, sendo vós a pessoa preeminente. Havia mesquinhos ciúmes e invejas, ruínas suspeitas e maledicências. ... O culto de coração é o que Deus requer; as formas e o culto de lábios são como o metal que soa e o címbalo que tine. Vosso canto visa a exibição, não louvar a Deus com o espírito e o entendimento. O estado do coração revela a qualidade da religião do que professa piedade.”⁹

Uma carta por ela enviada a um diretor de coral contém advertências sobre vários aspectos de interesse para a música na igreja: “O irmão S. possui um bom conhecimento de música, porém sua educação musical tende mais a satisfazer as necessidades de um espetáculo do que ao culto a Deus. O canto em um serviço religioso é parte da adoração. ... Qualquer coisa estranha e extravagante no canto destrói a seriedade e a santidade do culto.

“Você adota atitudes indignas, dando à sua voz todo o volume que pode. Você afoga os finos acordes e sons das vozes mais musicais que a sua. Esse exercício corporal e a voz rude e forte não é melodiosa para os que ouvem na Terra e no Céu. Esse canto é defeituoso e não é aceito por Deus como música perfeita, suave, e de doces acordes.

Não existe entre os anjos tais exibições como as que tenho visto em nossas reuniões. Tais notas e gestos toscos não são vistos no coro angelical. Seu canto não choca o ouvido. ... Não é forçado e exagerado, requerendo exercício físico.

“O irmão S. exhibe-se. Seu canto não tem poder para subjugar corações e tocar sentimentos. ... As demonstrações e as contorsões corporais, a aparência desagradável do esforço exagerado estão tão fora de lugar na casa de Deus, tão cômico que foram tiradas as impressões sérias feitas nas mentes.

“O irmão S. é um caso difícil de se tratar. É como uma criança indisciplinada e mal educada. Quando é repreendido, em vez de receber a repreensão como uma bênção, deixa que lhe invadam seus sentimentos e se desanima a ponto de não fazer nada. Se não puder fazer tudo como quer, à sua maneira, não colabora com nada. Ele não se tem dedicado ao trabalho com sinceridade para mudar suas manias, mas tem-se abandonado aos próprios sentimentos de teimosia que o separam dos anjos celestes e atraem os anjos maus ao seu redor.

“Não basta compreender os fundamentos do canto, mas com esse conhecimento deve haver uma conexão tal com o Céu que os anjos possam cantar através de nós.”¹⁰

Veículo de edificação

Entre os múltiplos benefícios espirituais da música cristã, é mencionado seu poder “para subjugar as naturezas rudes e incultas; poder para suscitar pensamentos e despertar simpatia, para promover a harmonia de ação e banir a tristeza e os maus pressentimentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço”.¹¹

O cântico de Moisés foi ensinado aos filhos de Israel com uma finalidade: “Era importante as crianças aprenderem o canto; pois isto lhes falaria para advertir, restringir, reprovare e animar. Era um sermão contínuo”.¹²

Durante a peregrinação de Israel, o cântico era um meio de gravar na mente do povo muitas lições preciosas. “Muitas vezes na jornada se repetia este cântico, animando os corações e acendendo a fé nos viajantes peregrinos. ...

“Assim, elevavam-se seus pensamentos acima das provações e dificuldades do caminho; abrandava-se, acalmava-se aquele espírito inquieto e turbulento; implantavam-se os princípios da verdade na memória; e fortalecia-se a fé.”¹³

O louvor e o canto também consolidam a vitória sobre o desânimo e a tentação. “Que o louvor e ações de graças sejam expressos em cânticos. Quando tentados, em lugar de dar expressão a nossos sentimentos, ergamos pela fé um hino de graças a Deus.”¹⁴

“O canto é uma arma que podemos empregar sempre contra o desânimo. Ao abriremos assim o coração à luz da presença do Salvador, teremos saúde e Sua bênção.”¹⁵

Nas escolas dos profetas, a música era ensinada com “um santo propósito, a fim de erguer os pensamentos àquilo que é puro, nobre e edificante, e despertar na alma devoção e gratidão para com Deus”.¹⁶

Instrumento de salvação

Muitas pessoas podem ser conduzidas à salvação pelo uso adequado da música. “A melodia do canto, derramando-se dos corações num tom de voz claro e

Muitas vezes se têm descerrado pelas palavras do canto sagrado, as portas do arrependimento e da fé.

distinto, representa um dos instrumentos divinos na conversão de almas.

“O canto é um dos meios mais eficazes para gravar a verdade espiritual no coração. Muitas vezes se têm descerrado pelas palavras do canto sagrado, as fontes do arrependimento e da fé.

“Alunos, ide aos caminhos e valados. Esforçai-vos por alcançar as classes elevadas assim como as mais humildes. Entrai no lar do rico e do pobre e, à medida que tiverdes oportunidade, perguntai: ‘Gostariéis de que cantássemos? Teríamos prazer em cantar alguns hinos para ouvirdes.’ Depois, ao estarem os corações abrandados, talvez se abra o caminho para fazerdes uma breve oração pedindo a bênção de Deus. Não haverá muitas pessoas que o recusem.”¹⁷

Dom cultivado

O canto e a música são dons do Criador, que necessitam ser apreciados e cultivados em Sua honra. É dito que os seres celestiais se unem ao louvor genuíno dos filhos de Deus. “Quando os seres humanos cantam com o espírito e o entendimento, os músicos celestiais tomam o tom e unem-se ao cântico de ações de graças. Aquele que nos outorgou todos os dons que nos habilitam a ser cooperadores de Deus, espera que Seus servos cultivem a voz, de modo a poderem falar e cantar de maneira que todos entendam. Não é o canto alto que é necessário, porém entonações claras, a pronúncia correta, a dicção distinta. Tomem todos tempo para cultivar a voz, de maneira que o louvor de Deus seja entoado em tons claros, suaves, sem asperezas e estridências que ofendam ao ouvido. A aptidão de cantar é dom de Deus; seja ele usado para glória Sua.

“A música pode ser um grande poder para o bem; contudo não tiramos o máximo proveito desta parte do culto. O cântico é geralmente originado do impulso ou para atender casos especiais, e em outras vezes os que cantam o fazem mal, e a música perde o devido efeito sobre a mente dos presentes. A música deve possuir beleza, poder e faculdade de comover. Ergam-se as vozes em cânticos de louvor e adoração. Que haja auxílio, se possível, de instrumentos musicais, e a gloriosa harmonia suba a Deus em oferta aceitável.

“Mas às vezes é mais difícil disciplinar os cantores e mantê-los em forma ordeira, do que desenvolver hábitos de oração e exortação. Muitos querem fazer as coisas à sua maneira. Não concordam com deliberações, e são impacientes sob a liderança de alguém. No serviço de Deus se requerem planos bem amadurecidos. O bom senso é coisa excelente no culto do Senhor.”¹⁸

É aconselhada a designação de diretores de música que selecionem, organizem e conduzam o cântico congregacional. “Um pastor não deve designar hinos para serem cantados, enquanto não estiver certificado de que os mesmos são familiares aos que cantam. Uma pessoa capaz deve ser indicada para dirigir esse serviço, sendo seu dever verificar que se escolham hinos que possam

ser entoados com o espírito e com o entendimento também. ...

“Os que fazem do canto uma parte do culto divino, devem escolher hinos com música apropriada para a ocasião, não notas de funeral, porém melodias alegres, e todavia solenes. A voz pode e deve ser modulada, suavizada e dominada. ...

“Pode-se fazer grande aperfeiçoamento no canto. Pensam alguns que, quanto mais alto cantarem, tanto mais música fazem; barulho, porém, não é música. O bom canto é como a música dos pássaros – dominado e melodioso.

“Tenho ouvido em algumas de nossas igrejas solos que eram de todo inadequados ao culto da casa do Senhor. As notas longamente puxadas e os sons peculiares, comuns no canto de óperas, não agradam aos anjos. Eles se deleitam em ouvir os simples cânticos de louvor entoados em tom natural. Os cânticos em que cada palavra é pronunciada claramente, em tom harmonioso, eles se unem a nós no cântico. Eles combinam o coro, entoado de coração, com o espírito e o entendimento.”¹⁹

“Deus é glorificado por hinos de louvor partidos de um coração puro e cheio de amor e devoção para com Ele.”²⁰

Participação de todos

No conceito de Ellen White, a música e o cântico não devem ser cultivados em um círculo restrito de profissionais, mas devem ser uma expressão de adoração participativa. Os dirigentes devem ser designados, mas eles devem procurar ampliar a participação.

“Há pessoas que têm especial dom para cantar, e ocasiões há em que uma mensagem especial é anunciada por um solo ou por um canto feito por vários. Mas raramente deve o canto ser feito por uns poucos. A aptidão de cantar é um talento que exerce influência, a qual Deus deseja que todos cultivem e empreguem para glória de Seu nome.

“Nas reuniões realizadas, escolham-se alguns para tomar parte no serviço de canto. E seja este acompanhado de instrumentos de música habilmente tocados. Não nos devemos opor ao uso da música instrumental em nossa obra. Esta parte do serviço deve ser cuidadosamente dirigida; pois é o louvor de Deus em canto.

“O canto não deve ser sempre feito por uns poucos. O mais freqüentemente possível, una-se toda a congregação.”²¹

Emprego de instrumentos

Na experiência litúrgica, Ellen White também dá muita importância ao cultivo da música instrumental. “Seja o talento do canto introduzido na obra. O emprego de instrumentos de música não é absolutamente objetável. Eles eram usados nos cultos dos tempos antigos. Os adoradores louvavam a Deus com a harpa e o címbalo, e a música deve ter seu lugar em nossos cultos. Isto acrescerá o interesse.”²²

Houve uma ocasião em que a falta de um órgão foi suprida adequadamente por uma guitarra: “Um plano bastante comum na Suécia, porém novo para nós, foi adotado para suprir a falta de um órgão. Uma senhora que ocupava um quarto junto à sala de reuniões, e que era uma hábil guitarrista, possuindo uma voz doce e musical, costumava suprir, no culto, o lugar do coro e do instrumento. A nosso pedido, ela tocou e cantou ao começo de nossas reuniões.”²³

É evidente o interesse de Ellen White na utilização sábia da música e do canto no culto comunitário. Em seu pensamento, a música é um precioso dom do Criador que Ele deseja orientar para o cumprimento de Seus propósitos. Desse modo, à medida que a música cristã é dirigida a Deus em adoração, os crentes são orientados para sua edificação e os não crentes são evangelizados.

Tal como acontece com os demais aspectos da vida, o crente cultivará com esmero e equilíbrio o dom da música e do canto, para a glória do Senhor. **M**

Referências:

- ¹ Educação, pág. 161.
- ² *Ibidem*, págs. 167 e 168.
- ³ Evangelismo, pág. 502.
- ⁴ *Ibidem*, págs. 502-508.
- ⁵ Mensagens Escolhidas, vol. 2, págs. 31 e 32.
- ⁶ *Ibidem*, págs. 35-38.
- ⁷ Patriarcas e Profetas, pág. 594.
- ⁸ Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 33.
- ⁹ Evangelismo, pág. 507.
- ¹⁰ Manuscrito 5, 1874.
- ¹¹ Educação, pág. 168.
- ¹² Evangelismo, pág. 497.
- ¹³ Educação, pág. 39.
- ¹⁴ Evangelismo, pág. 499.
- ¹⁵ A Ciência do Bom Viver, pág. 254.
- ¹⁶ Patriarcas e Profetas, pág. 594.
- ¹⁷ Evangelismo, págs. 496, 500 e 502.
- ¹⁸ *Ibidem*, págs. 504 e 505.
- ¹⁹ *Ibidem*, págs. 506-510.
- ²⁰ Mensagens Aos Jovens, pág. 294.
- ²¹ Evangelismo, págs. 504 e 507.
- ²² *Ibidem*, págs. 500 e 501.
- ²³ Ellen G. White, *El Ministerio Pastoral* (Silver Springs, Md: Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1997), pág. 206.



Martin Rodrigo Arias

Pastor na Associação Bonaerense, Buenos Aires, Argentina

Comportamento

Quanto mais constantemente fixarmos o olhar da fé em Cristo, tanto mais crescerá nossa inteligência espiritual

O conhecimento mais necessário

Na década de 80, o psicólogo Howard Gardner revolucionou o conceito de inteligência com sua obra *Estructuras de la Mente: La Teoría de las Inteligencias Múltiples*.¹ Em suas investigações, Gardner propõe mudar o conceito tradicional da inteligência unidimensional e quantificável pela da inteligência pluralista, que pode manifestar-se em distintas capacidades de resolução de problemas. Com essa premissa, Gardner identifica sete inteligências básicas: lógico-matemática, lingüística, musical, espacial, cinestésico-corporal, interpessoal e intrapessoal. Trata-se de uma pesquisa ainda em desenvolvimento; e o autor reconhece que podem ser descobertos outros tipos de inteligência, inclusive uma inteligência moral ou espiritual.

Dentre as sete inteligências básicas propostas por Gardner, a interpessoal e a intrapessoal formaram a base para o surgimento da teoria da inteligência emocional, da qual o psicólogo Daniel Goleman é o principal expoente.² Goleman propõe uma série de virtudes que o homem deve desenvolver a fim de otimizar suas capacidades, chegando a conclusões

que se aproximam surpreendentemente do que a Bíblia diz sobre a verdadeira inteligência ou sabedoria para a vida.

Poderíamos então considerar que a dimensão original e plena da inteligência emocional é a “inteligência espiritual” da qual falam as Escrituras (Col. 1:9)? Em caso afirmativo, que reflexão merece a ênfase posta pela teoria da inteligência emocional na necessidade de priorizar o desenvolvimento espiritual do homem, para que este alcance um desempenho eficaz no uso de suas capacidades?

Considerando o emocional

A inquietação que levou Goleman a pesquisar nasceu da observação de incontáveis casos de estudantes com bom rendimento acadêmico e elevado coeficiente intelectual (QI), mas que não conseguiram sucesso imediato na carreira profissional ou em outros aspectos da vida pessoal. O pesquisador registra casos como, por exemplo, o de um grupo de alunos graduados pela Universidade Harvard, que foi analisado até à meia-idade. Os indivíduos que tiveram as pontuações mais altas na Universidade não

conseguiram sucesso profissional maior que os colegas que tiveram baixas pontuações. Muito menos obtiveram maior satisfação na vida pessoal e familiar.

Diante de tais evidências, Goleman sugere que o QI é um pobre prognosticador de êxito na vida. Então assinala outras características fundamentais para o alcance de realização pessoal: “habilidades tais como ser capaz de motivar-se e persistir diante das decepções; controlar o impulso e demorar a gratificação, regular o humor e evitar que os transtornos diminuam a capacidade de pensar; mostrar empatia e alimentar esperanças”.³

A esse conjunto de habilidades, Goleman chama de inteligência emocional, definindo-a como “um núcleo comum de aptidões pessoais e sociais que se torna um ingrediente-chave para o êxito”.⁴

Conexão emocional-espiritual

Um dos conceitos utilizados por Goleman para referir-se às emoções e aos sentimentos é o chamado metacognição, que enfatiza as capacidades que se estendem ao âmbito metafísico ou espiritual. De fato, em que outro plano se poderia colocar elementos

como o domínio próprio, a empatia ou a esperança? Tais valores, fundamentais para a definição da inteligência emocional, ligam diretamente essa teoria com o âmbito espiritual.

Goleman assinala, por exemplo, que alguns problemas que afetam as pessoas com deficiência de inteligência emocional são o desespero, o abuso de drogas, a violência e o crime. Na verdade, bem poderíamos afirmar, com a mesma certeza, que tais problemas têm origem em uma deficiência espiritual. Por outro lado, passando a um enfoque positivo do assunto, Goleman sugere, como fruto do cultivo da inteligência emocional, valores tais como otimismo, paciência, integridade, compaixão, esperança e domínio próprio. Essa lista de virtudes tem uma semelhança surpreendente com o que a Bíblia assinala como fruto do Espírito (Gál. 5:22 e 23).

A conexão emocional-espiritual torna-se muito evidente quando Goleman reconhece que “o argumento que sustenta a importância da inteligência emocional gira em torno da relação existente entre o sentimento, caráter e instintos morais”.⁵ Simplificando esses termos, ele assinala que “existe uma palavra antiquada para designar o conjunto de habilidades que conformam a inteligência emocional: caráter”.⁶

Se levarmos em conta a definição de caráter feita por Ellen White, novamente surpreende a correspondência de pensamentos entre os dois autores: “A capacidade mental e o talento não são sinônimos de caráter, pois esses são freqüentemente possuídos pelos que têm justamente o oposto de um caráter bom. A reputação não é caráter. O verdadeiro caráter é uma qualidade da alma que se revela na conduta.”⁷ Seguindo tal raciocínio, poderíamos sugerir que a dimensão plena da inteligência emocional encontra-se no âmbito espiritual.

O fator espiritual

A definição básica de inteligência é capacidade. Portanto, podemos falar de uma capacidade ou inteligência espiritual. De fato, a idéia de Goleman, de encontrar a excelência da inteligência, já aparece desenvolvida na Palavra de Deus, que assinala a inteligência espiritual como a excelência do desenvolvimento das capacidades do ser humano. Um caso significativo é o do rei Salomão.

É proverbial o pedido que ele fez a Jeová, no começo do seu reinado. Diante do oferecimento do Todo-poderoso: “Pede-Me o que queres que Eu te dê”, o jovem rei respondeu: “Dá, pois, ao Teu servo coração compreensivo para julgar a Teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal” (I Reis 3: 5 e 9). Qual era, verdadeiramente, o pedido de Salomão? Por certo, uma capacidade que ele considerava primordial para o êxito de sua missão; um “coração entendido”, e que Deus confirmou com agrado ao interpretar seu pedido com a resposta: “Já que... pediste inteli-

gência... dou-te coração sábio e entendido” (vs. 11 e 12). A *Bíblia de Jerusalém* diz: “coração sábio e inteligente”.

Notemos a capacidade específica que Salomão assinala com seu pedido de um “coração sábio e entendido”. No original hebraico, um “coração entendido” é literalmente “um coração que escuta”, ainda que também possa ser traduzido como “um coração obediente”. O Antigo Testamento usa a mesma palavra – *shama* – para “escutar” e “obedecer”.⁸

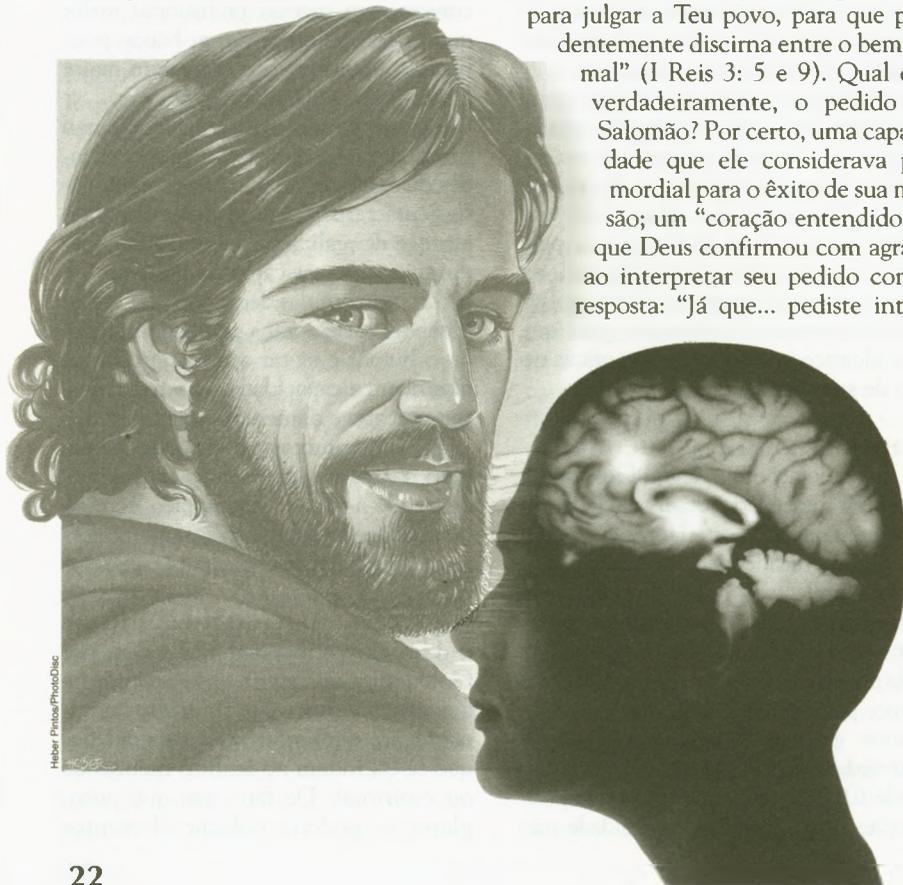
Poderíamos dizer, então, que a inteligência que Salomão pede a Deus está relacionada com a capacidade de discernir a vontade divina e de mobilizar sua própria vontade humana em harmonia com a revelação. Na verdade, esta é uma capacidade especial e desejável, a de poder ver claramente a vontade de Deus e, como reação imediata, avançar em sua direção. É mediante essa profunda experiência espiritual que podemos cultivar a verdadeira dimensão das virtudes que Goleman propõe como a excelência da inteligência.

O certo é que Salomão enunciaria mais tarde, já em plena execução exitosa da missão para a qual rogou a Deus um “coração entendido”, a seguinte definição da capacidade ou inteligência espiritual: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Prov. 1:7). Salomão considerou essa capacidade como fundamental para o desempenho de suas funções, e enquanto manteve a experiência do “temor do Senhor”, dando ouvidos à vontade divina e atuando de maneira conseqüente, seu reinado foi positivo.

Timão interior

Entretanto, não devemos concluir que inteligência espiritual e inteligência emocional sejam a mesma coisa. Tal raciocínio não faz justiça ao que a Bíblia diz sobre o tema nem ao que Goleman propõe em seus estudos. Podemos falar de semelhanças, ou dizer que a inteligência emocional é uma aproximação da inteligência espiritual, sendo que esta é a dimensão plena do assunto.

Provavelmente, a diferença fundamental se torna evidente quando Goleman se refere ao conceito de *timão interior*. Com essa expressão, ele faz referência à necessidade de introspecção e reflexão antes de se tomar uma decisão e agir de acordo, especialmente quando alguém desempenha importantes funções de liderança e adminis-



A dimensão plena da inteligência emocional encontra-se no âmbito espiritual.

tração. Assim, ele propõe que devemos aprender a cultivar a capacidade de ouvir a voz interior, dedicando tempo diário à reflexão solitária.⁹

A inteligência espiritual também é cultivada mediante a meditação centralizada na pessoa de Cristo. “Quanto mais constantemente fixarmos o olhar da fé em Cristo, em quem se polarizam nossas esperanças de vida eterna, tanto mais crescerá nossa fé; fortalece-se nossa esperança, nosso amor se torna mais ardoroso e intenso, com a agudeza de nossa intuição espiritual, e aumenta nossa inteligência espiritual.”¹⁰ Dessa forma, o timão interior, que provê a inteligência espiritual, não consiste simplesmente na intuição emocional, mas na certeza expressa por Isaías: “Quando te desviastes para a direita e quando te desviastes para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele” (Isa. 30:21). É uma questão de buscar a Fonte da sabedoria, para ouvir Seu conselho sobre decisões e ações a seguir.

Aqui é oportuna uma reflexão. Se os homens de negócios dedicam tempo diário a escutar seu timão interior, antes de tomar decisões inteligentes, muito mais os homens que se ocupam dos negócios do Pai deveriam considerar prioridade em sua agenda dedicar tempo para a comunhão com Cristo. Somente assim procederão com inteligência em cada aspecto de sua sagrada tarefa. Todos os que administram os valores imperecíveis do reino de Deus devem programar momentos devocionais particulares, em busca de crescimento em inteligência espiritual.

Se realmente desejamos a verdadeira eficiência no serviço para Deus, devemos ter como prioritária em nossa agenda a entrevista diária com Aquele que pode nos encher de “toda a sabedoria e entendimento espiritual” (Col. 1:9). Provavelmente necessitemos reconsiderar profundamente o conselho tantas vezes lido e ouvido: “Consagrai-vos a Deus pela manhã; fazei disto vossa primeira tarefa. Seja vossa oração: ‘Toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.’ Essa é uma questão diária. Cada manhã consagrai-vos a Deus para esse dia. Submetei-Lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de se executar, conforme o indique a Sua

providência. Assim dia a dia podereis entregar às mãos de Deus a vossa vida, e assim ela se moldará mais e mais segundo a vida de Cristo.”¹¹

O cultivo da inteligência espiritual segundo esse modelo habilita o pastor ao desempenho eficaz descrito por Paulo: “a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o Seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus; sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da Sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria” (Col. 1:10 e 11). Porventura não é essa uma descrição completa de um bom desempenho, produtor de satisfação pessoal no serviço de Deus?

Inteligência fundamental

Os pesquisadores do tema que estamos considerando indagam-se se a inteligência emocional não deveria situar-se “como uma forma de inteligência mais ampla; uma inteligência verdadeiramente nova; uma forma destinada, em definitivo, a assumir o controle sobre as inteligências de ‘ordem primária’”.¹² Essa proposta, revolucionária para a psicologia, também não é nova, segundo a perspectiva bíblica. Quando a Palavra de Deus aconselha: “O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento” (Prov. 4:7), pode-se dizer que está assinalando a inteligência fundamental para o desenvolvimento das outras capacidades humanas, inteligência que intenta uma aproximação da teoria da inteligência emocional.

Também se pode dizer que, mediante a proposta da inteligência emocional, a psicologia está reconhecendo a importância de cultivar valores espirituais para o pleno desenvolvimento das capacidades do homem. A idéia é que as capacidades intelectuais, técnicas e acadêmicas só podem ser úteis para o desempenho na vida pessoal e profissional se forem conduzidas pela inteligência fundamental, ou seja, a capacidade de cultivar um caráter harmonioso e sólido.

Esses dois elementos, um novo modelo de inteligência fundamental e sua aproximação ao que diz a Bíblia sobre a sabedoria para viver devem nos chamar a atenção para uma revisão das atitudes que consideramos primordiais

para servir à obra de Deus. Talvez seja necessária uma revalorização da capacidade fundamental para o desempenho eficaz no serviço do Senhor: a inteligência espiritual. Se a psicologia está revalorizando essa classe de inteligência e propondo uma suposta espiritualidade, haveríamos de fazer menos, nós os que conhecemos sua versão original e plena?

Vivemos em uma época de muita informação, na qual é humanamente impossível processar todo o conhecimento que nos é oferecido. É a época das pós-graduações; a época na qual são endeusadas a criatividade e as idéias originais, a tal ponto que às vezes temos tantas idéias, próprias e impostas, que não sabemos quais delas executar para alcançar as metas desejadas. Em nossa época, atender as necessidades, cada vez mais variadas e mais urgentes, das pessoas, exige mais dedicação e preparo. Então, como diria Paulo, “quem, porém, é suficiente para estas coisas?” (II Cor. 2:16).

Ele mesmo responde, no texto já citado neste artigo: “que transbordeis de pleno conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o Seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus” (Col. 1:9 e 10). **M**

Referências:

- ¹ Howard Gardner, *Estructuras de la Mente: La Teoría de las Inteligencias Múltiples* (Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1994).
- ² Daniel Goleman, *La Inteligencia Emocional* (Buenos Aires: Javier Vergara, Editor, 1996).
- ³ *Ibidem*, pág. 54.
- ⁴ Daniel Goleman, *La Inteligencia Emocional en la Empresa* (Buenos Aires: Javier Vergara, Editor, 1999), pág. 34.
- ⁵ Idem, *La Inteligencia Emocional*, pág. 16.
- ⁶ *Ibidem*, pág. 328.
- ⁷ Ellen G. White, *A Orientação da Criança*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira,), pág. 141.
- ⁸ Greg A. King, *Reyes y Crónicas: La Monarquía Dividida*, (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2002), págs. 20 e 21.
- ⁹ Daniel Goleman, *La Inteligencia Emocional en la Empresa*, págs. 80 e 81.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais*, (Meditações Matinais, 1968), pág. 127.
- ¹¹ Idem, *Caminho Para Cristo*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira) pág. 70.
- ¹² Doris Martín y Karin Boeck, *EQ: Que É Inteligencia Emocional*, (Madri: Edaf, 1998), pág. 21.



Jeff Gang

Pastor de jovens na igreja de Forest Lake, Flórida, Estados Unidos

Administração

Líderes que seguem a Cristo foram chamados para uma vida de humildade, serviço e sacrifício

Na contramão do mundo

Às vezes é atrativo basear nossa identidade e encontrar significado naquilo que fazemos, no que controlamos e em quem impressionamos. Essa foi uma tentação que Jesus também enfrentou. Imediatamente após o Seu batismo, Jesus foi para o deserto, onde foi tentado pelo demônio. Mateus expõe a natureza daquela tentação e a forma como o Mestre a enfrentou (Mat. 4:1-11).

Segundo o texto, a Jesus foram dadas três oportunidades para provar Sua identidade.

Primeiramente, deveria provar que era Filho de Deus, pelo que Ele podia fazer: transformar pedras em pães.

Em segundo lugar, foi convidado a mostrar que era Filho de Deus, pelo que Ele podia controlar, isto é, todos os reinos do mundo.

Finalmente, a prova de que era Filho de Deus deveria ser dada através de quem e como Ele podia impressionar: lançando-se do pináculo e deixar que os anjos viessem salvá-Lo.

Em outras palavras, Jesus foi tentado a ser relevante, poderoso e popular.

Seduções pastorais

Em minha experiência, enfrento a tentação para basear minha identidade

naquilo que eu faço. Quero ser relevante e ter sucesso. Esses desejos são especialmente fortes nas vezes em que sinto que o mundo não se importa muito com o que tenho a oferecer como um pastor cristão. Quero fazer grandes coisas para Deus. Mas quem está vendo? Quem está ouvindo? Quem se importa?

Não raro, sinto que há mais criticismo do que louvor pelo que tenho a oferecer. Sinto como se as pessoas ao meu redor estivessem dizendo: “Nós não necessitamos do que você está oferecendo.” É aí que eu gostaria de poder transformar pedras em pães. E acho que o tentador capitaliza sobre essa demonstração de insegurança.

Luto com a tentação de criar minha identidade a partir daquilo que eu posso controlar. Quero ser poderoso. Muitas decisões tomadas no exercício de minha liderança contêm sinais ligeiramente velados de controle congregacional. Se posso impressionar minha igreja com “minha bondade”, ou “minhas habilidades”, ela pensará bem de mim, como um líder. Então será mais predisposta a seguir-me.

Na realidade estou tentando controlar o que as pessoas pensam a meu respeito. Quanto mais responsabilidade recebo, mais efetivo líder eu sinto que sou. Assim, clamo por uma influência mais proemi-

nente e maiores posições. Conhecimento é poder. Eu devo saber as respostas, oferecer as soluções e elaborar os problemas. Meus esforços para convencer alguém da verdade são sempre onerados com uma tentativa sutil de controle. Se eu posso argumentar, mostrar como minha mundivisão é melhor que a sua, desarraigar seu sistema de crenças, ou demonstrar que minhas idéias são melhores que as suas, então consegui o controle ou, pelo menos, sinto que tenho algum poder.

Também luto com a tentação de estabelecer minha identidade a partir de quem eu impressiono. Isso está relacionado ao controle. Minha reputação é importante. Busco respeito, os aplausos são bem-vindos e representam um galardão. O reconhecimento do meu nome é importante. Admitir falha é sinal de fraqueza.

Em tudo isso, quero parecer hábil. Minhas decisões como líder estão baseadas mais no que você pensa a meu respeito do que em minhas convicções. E assim me torno sujeito a ser um líder mais político do que espiritual.

Cristo e o sucesso

O que, então, pode um pastor aprender de Jesus, quando se defronta com esse tipo de tentação?



A. Rios

Em primeiro lugar, por ocasião do Seu batismo, ouvimos a voz do Pai, rasgando os céus: “Tu és o Meu Filho amado, em Ti Me comprazo” (Luc. 3:22).

Não é isso um pouco estranho? Tanto quanto saibamos, Jesus não havia cumprido nada segundo os padrões do mundo. Nenhum discurso fora do comum tinha sido feito; nenhum milagre fora realizado; nenhuma façanha sobrenatural; nenhum ato poderoso fora cometido. Jesus não havia impressionado a ninguém. Nenhuma pessoa sinalizara que iria segui-Lo. Nada. Todavia, as palavras do Pai eram claras: “Em Ti Me comprazo.”

Que declaração magnífica para ser ouvida do Pai. “Não Me comprazo porque você seja relevante, poderoso ou popular. Eu Me comprazo em você porque você é Meu Filho.” Jesus foi capaz de resistir à sedução do poder, busca de prestígio e popularidade, porque compreendeu que Sua identidade não estava enraizada nessas coisas, mas em Seu relacionamento com o Pai e na consideração que o Pai tinha para com Ele.

O autor do livro aos hebreus lembra-nos que “não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Heb. 4:15).

Como líderes espirituais, somos tentados hoje na mesma base em que

Jesus o foi. E é nosso privilégio, e necessidade, encontrar nossa identidade naquilo que Deus diz que somos em relação a Ele e no que Ele pensa a nosso respeito através de Cristo. Isso vai muito além e numa direção muito diferente das afirmações do mundo, ou das pessoas na igreja que tendem a operar segundo seus próprios valores.

Em seu livro *In the Name of Jesus*, à página 17, Henri Nouwen escreve: “A grande mensa-

gem que temos de conduzir, como ministros da Palavra de Deus e seguidores de Jesus, é que Deus nos ama não por causa do que nós fazemos ou cumprimos, mas porque Deus nos criou e redimiu em amor e nos escolheu para proclamar esse amor como a fonte de verdade para a vida humana.”

Jesus, Pedro e o poder

Uma das primeiras pessoas a receber essa missão foi Pedro. É muito claro que ele e os outros discípulos com vívidas expectativas messiânicas acreditavam que a mudança requeria alguém que fosse relevante e poderoso, que pudesse tomar nas mãos o controle da situação e fosse popular. Ele estava pronto a defender a causa desse alguém que pudesse ganhar o povo para Si através de espetaculares feitos. Pensou que viu esse potencial em Jesus. Mas enquanto viajava com esse humilde Mestre, Pedro foi confrontado com novas perspectivas.

No evangelho de Mateus, há um momento no qual Jesus começa a falar aos discípulos que Seu caminho poderia não levar à glória humana, mas à morte. Pedro fica aterrorizado de que Jesus pudesse fazer tão terrível predição. Era a última coisa que ele imaginaria para Jesus, ou, na verdade, para si mesmo. Tomou Jesus à parte e disse: “Tem compaixão de Ti, Senhor; isso de modo algum Te acontecerá” (Mat.

16:22). Então Jesus respondeu-lhe com as mais chocantes palavras que ele já ouvira: “Arreda! Satanás; tu és para Mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus e sim das dos homens” (Mat. 16:23). Jesus conhecia a fonte dos temores de Pedro. Ele já ouvira alguma coisa igual, antes.

No fim do evangelho de João, encontramos o Senhor desfrutando um desjejum na praia com os discípulos. Um diálogo então tem lugar entre Pedro e o Mestre. Depois de comissioná-lo para o ministério pastoral, Jesus diz a Pedro onde a estrada finalmente o levaria: “Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres” (João 21:18).

Os líderes espirituais que seguem o caminho de Cristo são chamados ao mesmo destino. Como nosso Senhor, devemos nos tornar servos. Nosso chamado é para nada menos que uma vida de humildade, serviço e sacrifício.

Há em nossa cultura uma fome de autenticidade. Muitas pessoas não estão interessadas no tipo de evangelho que estamos comunicando, por causa da incongruência entre nossas ações e nossa mensagem. O resultado é que o evangelho é julgado por nossas ações.

O caminho da paz

Infelizmente, a história da igreja está marcada com líderes que escolheram a relevância, o poder e a popularidade como meios ou objetivos para o desempenho do seu ministério. Mas Jesus continuamente nos lembra que Ele faz as coisas diferentemente. Nesse sentido, Seus caminhos são completamente opostos aos do homem. Essa é a ironia da liderança espiritual.

Quando escolhemos encontrar nossa identidade no que Deus diz a nosso respeito, em lugar do que o mundo diz, encontramos um senso de alegria e paz, podemos então começar a desenvolver solidariedade com toda irrelevância, impotência e impopularidade existentes em nossa cultura. Tal experiência nos libera para amar o mundo como Jesus o fez. Então já não teremos compulsão para encontrar nossa identidade no que fazemos, no que controlamos ou em quem impressionamos. Vivemos e respiramos como o prazer de Deus no mundo. E é disso que realmente necessitamos. **M**



Victor M.
Parachin

Reside em Tulsa,
Oklahoma,
Estados Unidos

Devocional

*“Embora eu
pareça
estar perdido,
não temerei;
pois Tu sempre
estás comigo,
ó meu Deus”*

Quando o céu escurece

Todo pastor experimenta ocasiões de aridez espiritual. É um sentimento subjetivo de que Deus está distante, arredio, ou mesmo ausente. Em tempos assim, as orações são vazias, os hinos são cantados sem entusiasmo, os sermões são sem vida e as Escrituras parecem ter nenhum poder sobre a vida diária. Chamado por alguns de “a escura noite da alma”, esse é um tempo quando temos um doloroso sentimento da ausência de Deus.

Mesmo os heróis das Escrituras experimentaram momentos quando nvens de escuridão desceram ao seu espírito, ou Deus pareceu escondido e indiferente às suas dificuldades. Houve uma ocasião em que Moisés clamou a Deus: “Se assim me tratas, mata-me de uma vez, eu Te peço...” (Núm. 11:15). Semelhantemente, Elias encontrou-se tão desencorajado e frustrado que orou: “...Basta; toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou

melhor do que meus pais” (I Reis. 19:4). E o salmista lamentou: “Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre? Por que se acende a Tua ira contra as ovelhas do Teu pasto?” (Sal. 74:1). Apesar da escuridão e aridez de tais ocasiões, a boa notícia é que elas podem ser revertidas em tempos de bênçãos.

Consideremos alguns caminhos através dos quais podemos sair da nossa escuridão pessoal e espiritual.

Troque a pele velha

“Muitas vezes, devemos estar dispostos a nos livrar da vida que planejamos, para que tenhamos a vida que nos espera. A pele velha tem de ser trocada, antes que a nova apareça”, diz Joseph Campbell. Um tempo de trevas pode ser um sinal de Deus no sentido de que alcançamos o fim de um estágio em nossa vida. Seja flexível o bastante para virar a página e começar o próximo capítulo.

Veja o bom, espere o melhor

Sua mente é um instrumento poderoso. Não o estrague ciscando sobre o que você não tem, não experimenta, ou não recebe. Esse tipo de pensamento negativo somente o deixará mais desanimado, deprimido e insatisfeito.

Uma abordagem mais saudável é ver o bom e experimentar o melhor. Aplique à sua experiência a promessa de Deus: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jer. 29:11).

Tenha fé, mesmo não entendendo

Algumas vezes a escuridão surge quando uma oração urgente parece não ter sido ouvida. Se esse é o caso, sempre escolha conservar a fé, mesmo que não entenda o que acontece.

Catherine Marshall fala de um tempo quando ela emergiu depois de seis meses em trevas espirituais, seguidas à morte de sua segunda neta em 1971. Ela havia orado em favor da garota suplicando a Deus que a curasse. Apesar de suas orações, a menina morreu, jogando Catherine num buraco negro espiritual.

Depois de uma grande depressão e aflição de alma, ela disse: “Quando a vida nos impõe situações que não podemos compreender, temos uma dentre duas escolhas: podemos mergulhar na miséria, separados de Deus, ou podemos dizer-Lhe: ‘Necessito de Ti e de Tua presença em minha vida, mais do que necessito entender o que está acontecendo. Escolho-Te, Senhor. Confio em que me darás compreensão e respostas para os meus porquês, apenas quando e se escolheres fazê-lo.’”

Clame

Não importa como você se sinta, equilibre os sentimentos e pensamentos negativos com a realidade de que Deus é amor. Lembre-se de que você é profunda, generosa e permanentemente amado pelo Deus que o criou.

Clame em seu favor as muitas declarações das Escrituras sobre essa verdade tão preciosa, tais como I João 3:1: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus...”, e Isaías 43:4: “Visto que foste precioso aos Meus olhos, digno de honra, e Eu te amei...”

Utilize seus dons

Durante tempos de angústia é difícil saber o que fazer ou que direção tomar. Permita que o Deus doador de toda boa dádiva providencie uma saída. John Catoir oferece algumas indicações, ao dizer: “Se você tem uma bela voz, use-a de alguma forma para a glória de Deus e para a sua felicidade. Se você é um bom professor, então presume que Deus deseja que você ensine. Coloque seus dons a serviço de outros.”

Três palavras poderosas

“Eu perdoo você” são três dentre as mais poderosas palavras que alguém pode pronunciar. Pergunte a você mesmo se sua atual situação está ligada a sentimentos de ira, ressentimento ou hostilidade para com alguém que lhe feriu. Se esse for o caso, considere a possibilidade de perdoar.

Uma boa maneira de fazer isso é escrever uma carta à pessoa que causou a mágoa. Diga toda a verdade sobre o que aconteceu, tal como você experimentou, mas faça isso sem acusação, julgamento, hostilidade ou ira. Diga: “eu perdoo você.” Envie a carta somente se você sentir que há razoável boa vontade da parte do destinatário, para ler suas palavras. Se a pessoa que lhe causou o sofrimento estiver morta ou incapacitada para lhe ouvir, queime a carta. E, enquanto você a observa sendo consumida pelas chamas, deixe que sua ira, simbólica ou literalmente, vá junto com a fumaça.

Torne-se um anjo

“Não são todos eles [os anjos] espíritos ministradores, enviados para serviço...” (Heb. 1:14). Nada expande mais a capacidade da alma do que alcançar e ajudar outras pessoas.

Seja você um indivíduo que clama por justiça quando uma ação injusta é cometida. Quando outros agirem covardemente, seja você o único que responde com coragem e convicção. Onde existem crueldade e desconsideração, esteja pronto a suavizar esses golpes, com bondade e compreensão.

Paulo advertiu: “Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Filip. 2:4). Agindo como um anjo de Deus, você não apenas ajudará outras pessoas, mas se sentirá melhor com sua própria vida.

Faça as coisas certas

Não trabalhe apenas por dinheiro. Muitas pessoas encontram-se desiludidas, frustradas e insatisfeitas com seu trabalho. Onde quer que você trabalhe, tome tempo para uma avaliação espiritual de suas atividades, seus objetivos e da sua consciência de chamado. O que realmente gosto de fazer? Estou fazendo bem o que gosto? Quais atividades me proporcionam maior prazer espiritual e emocional? Como posso eu prestar uma valiosa contribuição para o mundo, através do meu trabalho?

Espalhe bênçãos

Embora você esteja atravessando um período escuro em sua vida, ore para que todos aqueles com os quais você entra em contato experimentem a bênção de Deus. Possam eles desfrutar paz, sabedoria, amor, alegria, prosperidade e saúde. Em particular, peça a Deus que dispense esse tipo de bênção ao seu cônjuge, seus filhos, vizinhos, líderes, liderados e aos estranhos.

Tenha ouvido sensível

Quando você orar, permaneça alguns minutos em silêncio, na presença de Deus. Seja ouvinte. Deus é amigo do silêncio. É na solidão e no silêncio que Sua vontade é compreendida mais claramente.

Deixe-se guiar por esta oração, oferecida pelo pastor afro-americano Howard Thurman: “Dá-me um ouvido ouvinte. Quero neste dia o ouvido que não se retrai diante da palavra que corrige e admoesta; a palavra que ergue diante de mim a minha própria imagem, que me faz parar e reconsiderar. A palavra que me desafia à mais profunda consagração e às mais elevadas resoluções.”

Confie em Deus

Os santos do passado eram profundamente desportos para o fato de que algumas das mais poderosas lições espirituais são adquiridas durante tempos de trevas e aridez. Procure captar novas lições. Não importa como você se sinta, continue confiando em Deus, Sua direção e força. Seja perseverante. Torne sua a oração de Thomas Merton: “Ó, meu Deus, não tenho a mínima idéia para onde estou indo. Não consigo ver a estrada diante de mim. Portanto, confiarei sempre em Ti. Embora pareça estar perdido, não temerei; pois Tu sempre estás comigo, ó meu querido Deus.” **M**



Horne P. Silva

D.Min., professor de Teologia, jubilado, reside em São Paulo, Brasil

Teologia

*O pecado
não pode
entrar na vida
de uma pessoa,
a menos que um
inimigo de dentro
lhe abra as portas*

A guerra da alma

Filosofia e teologia são essencialmente uma reprodução e uma interpretação da experiência humana. E experiência humana é uma guerra da alma. Para Paulo há uma guerra entre duas forças opostas as quais ele chama de carne e de espírito. “Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si” (Gál. 5:17). E acrescenta em Romanos 7:22 e 23: “... tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente...” Aqui está o grande dilema humano.

Paulo não é a primeira pessoa a ver a vida em termos de um conflito interno. Os judeus tinham sua doutrina de *yetser hatobh* e *yetser hara*, a natureza boa e a natureza má. Para eles, o homem está sempre sendo puxado em duas direções opostas ao mesmo tempo. É como se tivesse ao seu lado dois anjos, um bom, ajudando-o, guiando-o e levantando-o, e outro, um anjo mau,

seduzindo-o para o mal. Isso é tão básico para a humanidade que os rabinos criam que foi o próprio Deus quem criou essa natureza corrupta. “É mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade” (Gên. 8:21).

O Rabi Abahu interpreta o arrependimento de Deus em Gên. 6:6, dizendo que Deus de fato arrependeu-Se de “colocar o mau levedo na massa”. O impulso do mal está à porta esperando o homem sair da madre. Esse “inimigo implacável” permanece através de toda a vida do ser humano. Assim, a guerra da alma faz parte da herança judaica.

O que era verdadeiro para o pensamento hebraico era igualmente para os gregos. No mito de Phaerdrus (246 B), Platão descreve a alma como um cocheiro que tinha a responsabilidade de dirigir a sua biga com dois cavalos através de uma estrada difícil. Sendo um cavalo de raça nobre e o outro o oposto. O cavalo nobre é a razão, o outro é a paixão, o de natureza má, que leva a biga

para o precipício. Aqui encontramos novamente o mesmo quadro de guerra e tensão, sempre com a terrível possibilidade de consequências funestas.

Esse conflito interno corre como uma espécie de coro através da literatura grega e romana. Ovídio pronunciou seu famoso suspiro de frustração: “Eu vejo as coisas melhores, e concordo com elas, mas sigo o pior.” (Metamorphoses 7.20). “O homem”, diz Sêneca, “ama e odeia seus vícios ao mesmo tempo.” (Letters 112.3).

Mas qual é a razão para essa guerra? O mundo antigo unanimemente responde que o mau com seu poder destrutivo reside no corpo do homem. Aqui está novamente uma reprodução da experiência humana. O homem conhece muito bem o número de tentações que ataca uma pessoa através de seu corpo. O homem sabe que é muito mais fácil ser “bom” se ele puder ser criatura espiritualizada sem um corpo. Esse pensamento está no judaísmo mais antigo: “Um corpo cor-

A dádiva do Espírito Santo é uma antecipação da plenitude da vida que um cristão terá um dia na presença de Deus.

ruptível pesa sobre a alma e tenda de argila, oprime a mente pensativa” (Sabedoria 9:15).

O mal do corpo é uma idéia dominante no pensamento grego. O corpo, diz Philolaus, é uma casa de detenção na qual a alma está aprisionada para expiar seus pecados. Epictetus dizia que era uma vergonha para ele ter um corpo. Sêneca fala da “detestável habitação” do corpo onde a alma está aprisionada.

Essa atitude para com o corpo é particularmente apresentada por dois grandes escritores gregos que influenciaram muito o pensamento cristão. Platão, em *Phaedrus*, diz que nas últimas horas de vida, Sócrates desejava a morte. O filósofo somente podia entrar no conhecimento, realidade e vida, quando através da morte se libertasse do corpo. O estudo da filosofia nada mais é do que o estudo da pessoa que está morrendo.

O filósofo, mais do que ninguém, procura separar a alma da comunhão do corpo. Somente quando a alma deixa o corpo, e evita toda possibilidade de associação e contato com ele, e luta para permanecer independente, pode alcançar a realidade. A companhia do corpo perturba a alma e não permite que ela obtenha a verdade e sabedoria. Porque a alma é contaminada pelo corpo. Por isso, temos que nos libertar dele. Ninguém pode ser amante da sabedoria e do corpo. Assim, todos devem morrer para viver. Destarte, o pensamento platônico considera o corpo um entrave supremo para alcançar a sabedoria e a verdade.

O segundo dos grandes escritores em que essa linha de pensamento aparece é Philo, um contemporâneo próximo de Paulo e que fez uma ponte entre os judeus e o pensamento grego. No seu comentário sobre *The Wisdom of Solomon*, 9:15, e outras

fontes, menciona que “a principal ignorância é carne e a associação com ela. Nada pode impedir mais o crescimento da alma do que a carne, pois ela é uma espécie de ignorância e estupidéz sobre a qual todo mal é desenvolvido. A alma que suporta a desgraça da carne está oprimida de tal maneira que não pode olhar para os céus. É muito difícil crer em Deus por causa de sua companhia (isto é, a carne), com a qual está subjugada. O corpo é uma prisão. Aqui encontramos, novamente, a mesma atitude, mais vívida e atualizada”.

O mundo antigo está cheio de toda espécie de horror e aversão ao corpo.

Agora já podemos retornar a Paulo, para quem o homem é uma unidade indivisível de corpo, alma e espírito; *soma*, *psuchê* e *pneuma* (I Tess. 5:23).

Psuchê

A alma, *psuchê*, é o princípio da vida física. Paulo usa essa palavra em duas maneiras diferentes:

Primeiramente, no sentido de uma pessoa viva. Vejamos como o apóstolo emprega a palavra: “Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal” (Rom. 2:9). Segundo a *Bíblia de Jerusalém*, “tribulação e angústia para toda pessoa que pratica o mal”. A Tradução Almeida, Revista e Corrigida verte Rom. 13:1 da seguinte maneira: “Toda alma esteja sujeita às autoridades.” Mas a própria Almeida, Edição Contemporânea diz: “Todo homem se submeta às autoridades constituídas.” Nesse sentido, a palavra *psuchê* simplesmente significa uma pessoa viva.

Em segundo lugar, Paulo às vezes usa *psuchê* simplesmente no sentido de vida. Ele fala de Priscila e Áquila que arriscaram a vida (*psuchê*) para preservá-lo (Rom. 16:4). Menciona que Epafrodito dispôs a sua própria vida (*psuchê*) a favor dos filipenses (Filip. 3:20).

Pneuma

Descobrir o que Paulo quer dizer com espírito, o *pneuma*, não é tarefa fácil. A dificuldade começa quando procuramos consultar várias traduções bíblicas e o texto grego, e verificamos que não há uma concordância quando espírito (*pneuma*) deve começar com letra minúscula ou maiúscula; ou seja, quando é uma referência ao Espírito de Deus ou ao espírito do homem.

O espírito é a parte que rege o homem. É ele que controla os pensamentos, as atividades mentais e paixões. É precisamente a posse desse espírito que faz o homem diferente da criação animal. Ele compartilha o *psuchê*, o princípio de vida com os animais, porém, somente ele possui *pneuma*, pois é justamente isso que o faz homem. E mais: o *pneuma* é ligação entre Deus e o homem. É através do *pneuma* que Deus pode se comunicar com o homem, e o homem pode ter relacionamento e comunhão com Ele. O *pneuma* é a parte do homem que distinta e unicamente o torna parente de Deus.

A dificuldade é saber quando o *pneuma*, o espírito, é parte do homem como tal, ou se é somente parte dele, quando se torna cristão; se é parte natural do homem ou é uma dádiva de Deus para a natureza redimida do homem. É verdade que Paulo repetidamente fala de Deus enviando o Seu Espírito, ou o Espírito de Seu Filho, ao nosso coração. É porque Deus enviou o Espírito de Seu Filho ao nosso coração que nós podemos chamá-Lo de Pai (Gál. 4:6). É o fato do Espírito habitar em nós que dá vida aos nossos “corpos mortais” (Rom. 8:11). O nosso corpo se torna o santuário do Espírito Santo (I Cor. 6:19). Porque “nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações” (II Cor. 1:22).

Nesse caso, um cristão é distintamente um homem que tem a presença e o poder de alguma coisa que não acontece com os outros. O espírito do cristão é o Espírito Santo que habita no homem, dando-lhe paz, harmonia e um poder que não está disponível ao não cristão.

Existem dois fatos que, muito provavelmente, eram o pensamento de Paulo. O primeiro é que Paulo tem um modo muito curioso de falar aos seus amigos, referindo-lhes “o vosso espírito”, especialmente ao concluir as bên-

ções apostólicas. Vejamos: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito. Amém.” (Gál. 6:18; Filip. 4:23; Fil. 25).

Aqui, podemos chamar o espírito de personalidade cristã. Ele poderia dizer: “seja convosco”. Paulo escreve para eles e os abençoa, não simplesmente como homem com *psuchê*, com vida física, mas como homem com *pneuma*, com espírito, homem que, podemos dizer, está não somente com vida, mas “cristãmente” vivo.

O corpo deve ser e é para o cristão o templo do Espírito Santo.

O segundo fato é que Paulo tem duas palavras que usa constantemente em conexão com o Espírito. A primeira é *arrabôn*. “O qual também nos selou e deu o penhor [*arrabôn*] do Espírito em nossos corações” (II Cor. 1:22; ver também 5:5; Efés. 1:13 e 14). A palavra *arrabôn* é empregada no mundo comercial. Em qualquer transação envolvendo compra e venda, ou em qualquer negócio legal, envolvendo prestação de serviço por determinada importância, um *arrabôn* era pago. O *arrabôn* era o pagamento adiantado de uma parte do preço, ou uma taxa de garantia que, no devido tempo, deveria completar todo o débito. Por isso, algumas traduções usam a palavra “garantia”.

A dádiva do Espírito Santo é uma antecipação da plenitude da vida que um cristão terá um dia na presença de Deus. É um penhor, uma garantia de que Deus cumprirá Sua promessa de habilitar o cristão a entrar nessa vida plena.

A segunda palavra é *aphragizein*, que significa selar. Paulo repetidamente fala do cristão sendo selado pelo ou com o Espírito Santo. “Fostes selados com o Espírito Santo da promessa” (Efés. 1:13; ver também II Cor. 1:22; 4:30). No mundo antigo, selar um documento era muito comum. Era um sinal de propriedade, ou uma prova de que certo produto era produzido por alguém ou firma. Por exemplo, os jarros de vinho eram selados pelo dono da vinha. Assim, a possessão do Espírito

Santo significa a garantia de que uma pessoa pertence a Deus.

No pensamento de Paulo, o espírito de um homem é aquela parte que Deus implanta nele; é a presença e o poder de Deus nele. É a residência do Cristo ressuscitado nele. É o resultado da ligação que estabelece a comunhão entre Deus e o homem, dando-lhe força, um novo poder e que torna a vida mais significativa.

Isso é estabelecido de maneira muito clara na passagem de Paulo acerca

do Espírito Santo e o espírito do homem, em Rom. 8:1-17. Esse texto nos dá um sumário perfeito do relacionamento do Espírito de Deus e o espírito do homem. Sem o

Espírito de Cristo ninguém pode ser cristão (v. 9). É o Espírito que o torna um filho de Deus (v. 14), e que lhe assegura ser filho de Deus (v. 16). Para o cristão, o Espírito deve ser a lei de sua vida, seu diretor, a norma pela qual julga todas as coisas, a dádiva que mais deseja (vs. 4, 5 e 9). O Espírito lhe traz liberação da lei do pecado e da morte (v. 2). Outorga paz (v. 6). Seu corpo mortal se torna vivo na vida de Cristo (v. 11). O Espírito é que lhe dá poder (v. 13) e o habilita a “mortificar os feitos do corpo”. A paz que o Espírito oferece é a de um conquistador.

Vimos que, segundo Paulo, *psuchê* significa alma, e *pneuma* significa o espírito. Agora passemos a estudar o *soma*, isto é, o corpo.

Soma

Paulo fala do corpo físico que todo homem possui. Ele fala dos ímpios que desonram seus próprios corpos em excessos e perversões sexuais (Rom. 1:24). Diz também que traz as marcas da perseguição no seu próprio corpo (Gál. 6:17). Menciona que Abraão conhecia o enfraquecimento do seu corpo pela idade avançada (Rom. 4:19). Por duas vezes, Paulo usa o corpo físico e suas partes, referindo-se à igreja como símbolo do corpo de Cristo (Rom. 12:4 e 5; I Cor. 12:12-27). Nessas passagens o corpo é simplesmente no sentido físico, sem qualquer outro significado.

Paulo fala do corpo que implica na sua imperfeição e perigo. Menciona a pecaminosidade do corpo (Rom. 6:6);

diz que o corpo é mortal (Rom. 6:12; 8:11) por causa do pecado (Rom. 6:10). Declara que o corpo deve ser subjugado (I Cor. 9:27); “mas, se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis” (Rom. 8:13). Aqui o corpo é visto como uma parte do homem, que está sujeita à morte e destruição, e na implicação de que é geralmente responsável pelo pecado do homem. Tudo aquilo que estiver ligado a ele deve ser eliminado para sempre na vida cristã.

Todavia, Paulo nunca quer dizer que o corpo como tal é irremediável e só presta para destruição. O corpo pode ser redimido (Rom. 8:23), transformado (Filip. 3:21) e oferecido em sacrifício (Rom. 12:1). Com ele, pode-se glorificar a Deus (I Cor. 6:20; Filip. 1:20). O corpo deve ser e é para o cristão o templo do Espírito Santo (I Cor. 6:19).

É bem claro para o apóstolo que o corpo não é essencialmente mau. Em sua natureza vai morrer. Mas existe grande potencialidade para o bem e para o mal, de acordo com o seu domínio pelo pecado, ou sua dedicação a Deus. Em si mesmo, o corpo é mais ou menos neutro. A direção na qual ele caminha depende da força que o controla, para o bem ou para o mal.

Sarx

Mas agora chegamos à palavra *sarx*, ou carne. Essa palavra é bem característica dos escritos de Paulo, especialmente nas epístolas aos romanos, gálatas e coríntios. É uma palavra para a qual não há uma tradução adequada; não tem um significado lato, bem definido, dependendo muito de situações.

Sarx é inimiga de *pneuma*. A guerra da alma envolve precisamente a carne (usando a sua tradução mais precisa) e o espírito. “Porque”, diz Paulo, “a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si” (Gál. 5:17). A verdade é que essas duas forças se opõem no ser humano.

Sarx é muito mais do que o corpo. No pensamento paulino, os pecados da carne incluem muito mais do que os pecados que têm a ver com o corpo. Quando Paulo lista as obras da carne, ele começa com imoralidade, impureza, lascívia, e daí vai para inimizades, porfias, ciúmes, iras, partes do espírito que não são pecados do corpo. Os pecados da carne, num sentido moderno, normal do termo, estão muito lon-

ge de ser somente os pecados da carne, no sentido como Paulo o emprega. Por isso é impossível dizer qual pecado da carne é o mais sério.

Paulo emprega *sarx* para denotar uma condição corpórea ou física. Ele fala da circuncisão na carne, como comparada com a circuncisão do coração (Rom. 2:28 e 29). E relata a sua enfermidade na carne (Gál. 4:13 e 14). Há momentos em que Paulo usa a palavra *sarx*, mas poderia ter usado *soma*, com um significado mais de físico, sem as implicações de *sarx*.

Outro emprego da palavra *sarx* nos escritos de Paulo é visto em frases que podem ser expressas como “humanamente falando”, ou “do ponto de vista humano”. “Com respeito a Seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi” (Rom. 1:3). A frase “segundo a carne” pode ser perfeitamente substituída pelas expressões “do ponto de vista humano” ou “humanamente falando” Romanos 4:1 e 9:5 são outros bons exemplos. Quando *sarx* é usada dessa maneira, está dizendo algo mais do que do ponto de vista humano.

Paulo também usa *sarx* em frases e contextos no sentido de “julgar por normas humanas”: “Não foram chamados muitos sábios segundo a carne” (I Cor. 1:26). A Bíblia de Jerusalém acrescenta o seguinte esclarecimento sobre esse texto: “Isto é, de um ponto de vista meramente humano.” Escrevendo aos coríntios, Paulo se defende contra uma possível acusação “segundo a carne” (II Cor. 5:16), “do ponto de vista humano”, conforme algumas traduções. Nessas frases, carne se refere a “norma humana”, “ponto de vista humano”, “avaliação humana”.

Há também o uso de *sarx* onde o pensamento principal é humanidade. A expressão: “Deus enviando o Seu próprio Filho em semelhança da carne” (Rom. 8:3) dá a idéia de que Cristo tomou a nossa humanidade. O hebreu sempre prefere uma expressão concreta em vez de abstrata; por isso prefere falar em carne ao invés de humanidade.

A concepção única e distinta que Paulo tem de *sarx* é como o inimigo supremo na guerra da alma. Nesse sentido, para ele, viver na carne é precisamente o oposto de ser cristão. “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito” (Rom. 8:9 e 12). O descrente vive na carne. Paulo pode olhar para trás, no tempo, “quando

vivíamos segundo a carne” (Rom. 7:5; 8:5). O cristão crucifica a carne com suas paixões e desejos (Gál. 5:4). Viver na carne é exatamente o oposto de viver no Espírito, em Cristo; é estar debaixo do pecado. “Sou carnal, vendido à escravidão do pecado” (Rom. 7:14).

O fato de ser dominado pela carne e ser escravo do pecado são a mesma coisa. A carne é o grande inimigo da vida cristã saudável. É ela que se submete impotente diante da lei (Rom. 8:3). Na *sarx* nada existe de bom. “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum” (Rom. 7:18). De maneira generalizada, nesse texto reside a diferença entre *soma* e *sarx*. O corpo pode se tornar um instrumento de serviço e glória de Deus; a carne, não. O corpo pode ser purificado e glorificado. A carne deve ser erradicada. É com a carne que o homem serve à lei do pecado (Rom. 7:25).

Na *sarx* o homem é incapaz de assimilar ensinamentos espirituais (I Cor. 3:1-3). Aí, ninguém pode agradar a Deus (Rom. 8:8). Pior do que isso, a *sarx* é essencialmente hostil a Deus (Rom. 8:7). Ciúmes e contendas são provas de que o homem ou a comunidade estão vivendo na *sarx* (I Cor. 3:3). Várias traduções usam a palavra *carne* e o adjetivo *carnal*. Outras mudam para “natureza carnal”, “fraqueza da natureza humana”, “natureza terrestre”, “natureza pecaminosa”, “atitude carnal” ou “natureza inferior”.

Então, o que é a carne? Definitivamente não é o corpo. Igualmente claro, se o pensamento de Paulo é consistente, a palavra carne não é o homem natural. Pois ele menciona que o homem natural, não cristão, pagão, necessariamente não precisa ser totalmente mau. É possível que em certo tempo o homem pode fazer, por natureza, o que a lei requer; porque as exigências da lei estão escritas no seu coração e porque, mesmo nessa condição, ele possui uma consciência. “Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei

gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se” (Rom. 2:14 e 15).

Luta vitoriosa

É muito significativo quando Paulo fala das obras da carne e do fruto do Espírito em Gál. 5:19 e 22. Uma obra é alguma coisa que o próprio homem pode fazer. Mas o fruto é algo produzido por um poder que ele não possui. O homem não pode fazer um fruto. Isso quer dizer que o homem pode facilmente produzir o mal por si mesmo, enquanto o bem tem de ser produzido por um poder que não é dele.

A essência da carne é a seguinte: Na antiguidade, nenhum exército podia invadir um país no mar, sem primeiro construir uma ponte. Tentação alguma pode atingir o homem, a menos que haja nele alguma coisa que responda à tentação. O pecado não pode penetrar na mente, no coração, na alma e na vida de alguém, a menos que um inimigo de dentro lhe abra as portas. A carne é exatamente a ponte através da qual o pecado invade a personalidade humana. A carne é como um inimigo dentro dos portões que abre o caminho para o pecado.

Mas, de onde vem esse inimigo interior? Essa é uma experiência universal da vida, que o homem, pela

Viver na carne é justamente o oposto de viver no Espírito. É estar debaixo do pecado.

sua conduta, aceita ou não. Ele responde ou não a certas experiências. A carne é o que o homem faz de si mesmo, em contraste com o homem que Deus fez. A carne é a natureza humana depois do pecado. O pecado do homem o fez vulnerável. Fê-lo cair, mesmo sabendo que estava caindo e não querendo cair. A carne toma posse do homem que está à parte de Jesus Cristo e Seu Espírito. Felizmente, existe garantia de vitória nesta guerra da alma. Como disse Paulo, “graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (I Cor. 15:57). **M**

Bahia tem nova Missão



Heron Santana

Colaborador

A Igreja Adventista na região Central da Bahia viveu um momento histórico, nos dias 20 e 21 de dezembro, quando realizou oficialmente as primeiras atividades da Missão Bahia Central, MBC, com sede em Feira de Santana. Nesse período, aconteceram diversas assembleias distritais de pequenos grupos, além do Encontro de Pregadores Voluntários, que reuniu mais de 100 pessoas em um colégio da cidade, onde os evangelistas tiveram a oportunidade de conhecer estratégias missionárias e receber material para o evangelismo no interior baiano.

O destaque desses eventos foi a presença do pastor peruano Raúl Daniel Gómez Nicolls, presidente da nova Missão. Ele aproveitou a oportunidade para se apresentar à igreja, usando suas primeiras declarações para motivar os membros e pedir apoio para o exercício da liderança. "Este campo está nas mãos de Deus", disse, reiterando o desejo de guiar a igreja ao trabalho em pequenos grupos, como forma de garantir

crescimento evangelístico sustentado por um cristianismo praticado com amor e solidariedade.

Durante a assembléia, foram escolhidos os secretários departamentais. A equipe é composta pelo Pastor Edmar Sena, que será líder de Ministério Pessoal e Evangelismo; Pastor Hélio Machado, líder de Publicações; Pastor Deusdete Soares, líder de Jovens e Desbravadores; e Leila Sena, líder do Ministério da Mulher.

Administradores – O Pastor Raúl comandará um território com 35 distritos pastorais, 175 igrejas organizadas e 231 congregações frequentadas por 30.500 adventistas. Antes, a região estava sob a mesma liderança que hoje ficará responsável pela área metropolitana de Salvador. Antes de ser nomeado presidente, o Pastor Raúl estava atuando como diretor de Ministério Pessoal, Evangelismo, Escola Sabatina e Missão Global, na Associação Bahia Sul. Formado em 1989 pela Faculdade de Teologia do Peru, ele foi pastor de igreja em seu país natal, por sete anos. Veio então para o Brasil e trabalhou nos Estados do Ceará e Pernambuco.

Como secretário, foi nomeado o Pastor Gilmar Filho Silveira. Nascido em Iguaiá, BA, ele foi capelão da Escola Adventista Teófilo Berger,

hoje Colégio Adventista de Salvador, em 1986. Foi pastor nos distritos de Capim Grosso, Jequié e Praia Grande. Em 1995, serviu como tesoureiro de escolas adventistas na Bahia, sendo nomeado, em 1998, como tesoureiro da Missão Costa-Norte.

O administrador de empresas Demir Dener di Berardino foi escolhido como tesoureiro e diretor de Educação. Ele começou a trabalhar na obra como contador em Campos da União Sul. Foi secretário-tesoureiro da Missão Sul-Rio-Grandense e ultimamente servia como gerente do Hospital Adventista do Pênfigo.

Com a equipe formada, os pastores se reuniram no dia 22 de dezembro, no laene, para o primeiro concílio da nova Missão. **M**



Pastor Helder Roger Cavalcanti, presidente da Uneb, apresenta o presidente da MBC, Pastor Raúl Daniel Gómez Nicolls

Missionários brasileiros são mortos em Palau

Michelson Borges

Da Redação

O pastor adventista brasileiro Ruimar Duarte de Paiva, de 42 anos, sua esposa Margaret, de 37, e o filho Larisson, de onze, foram assaltados e mortos em sua própria casa, perto da sede da Missão da Igreja Adventista em Babelthaupt, Palau. A única sobrevivente da família foi a filha do casal, Melissa, de dez anos.

O Pastor Ruimar trabalhou por vários anos no território da União Central-Brasileira. Nos últimos anos esteve estudando na Universidade Andrews, nos Estados Unidos, cursando mestrado e doutorado. De lá, foi servir como mis-

sionário em Palau, na Micronésia, onde estava havia 17 meses como coordenador da Missão e pastor da igreja de Koror.

A família foi assassinada por Justin Hiroshi, de 43 anos, que admitiu à polícia ter cometido o crime sob efeito de drogas. Hiroshi invadiu a casa dos Paiva para roubar uma TV e um videocassete, matando os três a pauladas.

Perdão materno

O funeral aconteceu no dia 28 de dezembro e uniu duas mães na dor e em oração. Durante a cerimônia fúnebre, a mãe do Pastor Ruimar, Ruth de Paiva, surpreendeu as mais de 400 pessoas presentes, ao oferecer perdão ao criminoso e pedir à mãe dele para unir-se a ela em oração. "Estou certa de que a mãe de Justin orou muitas vezes por seu filho, e estou certa de que o seu coração está terrivelmente ferido. Eu apenas desejo dizer à mãe de Justin que estarei orando por ela... e por Justin", declarou a Sra. Paiva.

Segundo o presidente da república de Palau, Tommy Remengesau, que assistiu à cerimônia fúnebre, a capacidade da Sra. Paiva de perdoar permitiu à nação inteira começar um "processo de cura". "A atitude dessa mãe ajudou muitas pessoas a olharem além da tragédia e verem que podemos nos perdoar e viver juntos", disse o presidente ao jornal *Pacific Daily News*.

Futura missionária

Melissa, que chegou a ser seqüestrada por Hiroshi mas escapou, assistiu à cerimônia realizada no dia 2 de janeiro, em Keene, Texas, onde residem vários de seus parentes e onde agora passará a residir. Sua avó declarou que a menina deseja retornar a Palau como missionária, quando crescer.

O Pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral, e o Pastor Matthew Bediako, secretário, enviaram condolências à família Paiva em nome da igreja em todo o mundo.

A família Paiva estava em Palau havia 17 meses.



Eleita nova administração da UCB

Amarildo Augusto e Michelson Borges

Do Unasp e da Redação

O Pastor Domingos José de Souza é o presidente eleito da União Central-Brasileira, UCB, para o período 2004/2009. Ele presidia a Associação Paulista Sul, APS, e foi escolhido durante a 4ª Assembléia Quinquenal da UCB, realizada entre os dias 14 e 17 de dezembro, no Campus Engenheiro Coelho do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp.

O presidente eleito trabalha na organização adventista há 20 anos. Nasceu em Unai, MG. Iniciou suas atividades em 1978, como preceptor no Instituto Adventista São Paulo, Iasp, em Hortolândia. Formou-se em Teologia no ano de 1984, em São Paulo. Foi diretor interno do Iasp, pastor distrital em Artur Nogueira, diretor de Publicações e depois tesoureiro da APS. Também foi tesoureiro da Associação Paulistana, AP, entre 1998 e 2001, quando assumiu a presidência da APS. É casado com a Prof.^a Ivete e pai de duas filhas: Kelly e Grace.

Equipe

Os delegados da Assembléia Quinquenal também escolheram o Pastor Edson Rosa como o novo secretário da UCB. Ele era o diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina na mesma União. O advogado Élnio Freitas, que estava exercendo a função de tesoureiro da Associação Paulista Leste, APL, foi escolhido como tesoureiro na próxima gestão da UCB.

O Pastor Acílio Alves Filho é o novo secretário ministerial. Como diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina foi eleito o Pastor Wagner dos Santos Mesquita. A Professora Ivete de Oliveira Souza fica com o Ministério da Mulher. O Pastor Mário Orlando Ritter é o diretor de Educação. Os titulares Udolcy Zukowski, do Ministério Jovem e Desbravadores; Marco Aurélio Pinho, de Publicações; Ivan Canhadas, de Mordomia; e

Alcides Coimbra, de Liberdade Religiosa e Relações Públicas, foram reeleitos.

Trajatória positiva

“Sinto-me feliz por ter percebido um crescimento equilibrado da União nos últimos anos. Houve também um fortalecimento das obras médica e educacional, pelo que louvamos a Deus”, diz o ex-presidente da UCB, Pastor Tercio Sarli. Depois de dez anos na liderança da União e de 42 anos de Obra, o Pastor Tercio e sua esposa Vanira encerram seu período de trabalho ativo. Nessas quatro décadas, o casal dedicou nove anos ao Norte e Nordeste do Brasil, nos Estados do Pará, Ceará, Maranhão e Pernambuco. Em São Paulo, o Pastor Tercio trabalhou por dois anos como diretor de Educação na Associação Paulista, de onde saiu para o Iasp, onde foi administrador por oito anos. Por mais dez anos presidiu a Associação Paulista Oeste, APO, de onde foi chamado para liderar a UCB, em 1993.

“Que as vitórias alcançadas neste quinquênio encham nosso coração da mais profunda gratidão e renovem a nossa confiança nos destinos

da Igreja estabelecida por Deus”, despediu-se o Pastor Tercio. **M**

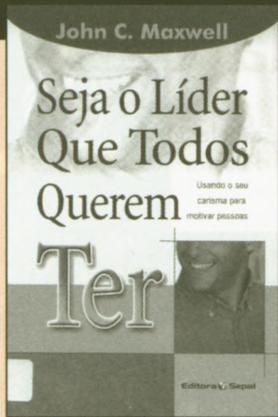


Os novos administradores: Pastor Edson Rosa, Pastor Domingos José de Souza e Dr. Élnio Freitas



Pastor Tercio Sarli: “Louvo a Deus pelo crescimento equilibrado na União.”



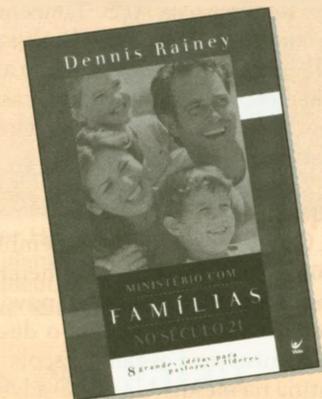
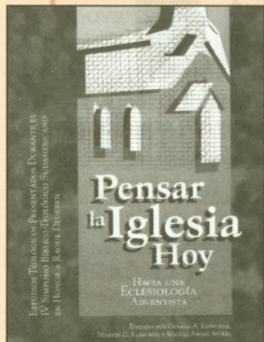


SEJA O LÍDER QUE TODOS QUEREM TER – John C. Maxwell, Editora Sepal, Caixa Postal 2059, CEP 01060-970, São Paulo, SP; telefone (11) 5523-2544, fax 5523-2201, editorasepal@uol.com.br; 195 páginas.

Ser um líder significa trabalhar com pessoas, e isso nem sempre é tarefa fácil. Relacionamentos interpessoais podem fazer ou destruir líderes, em qualquer lugar. Por isso, é importante desenvolver habilidades em lidar com aquele que é o mais precioso de todos os recursos – as pessoas. John Maxwell compartilha os princípios que ele considera vitais no desenvolvimento das pessoas e que podem ajudar a desenvolver as qualidades de um líder efetivo, bem como entender e ajudar pessoas com personalidades difíceis.

PENSAR LA IGLESIA HOY – Gerald A. Klingbell, Martin G. Klingbell e Miguel Angel Nuñez (editores), Editorial Universidad Adventista del Plata, Entre Rios, Argentina, telefone 0343-4910-010, fax 0343-4910-300, informes@uapar.edu; 524 páginas.

Esta é uma coletânea de estudos profundos e desafiantes, selecionados dentre as 88 monografias apresentadas no IV Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, realizado em 2001 na Universidade Adventista del Plata, Argentina. São contribuições de estudiosos argentinos, bolivianos, brasileiros, chilenos, peruanos e norte-americanos. Não se trata de um livro só para teólogos, mas para todos aqueles que estão buscando respostas; para os que empregam tempo refletindo nos problemas e que desejam ser parte de suas soluções.



MINISTÉRIO COM FAMÍLIAS NO SÉCULO 21 – Dennis Rainey, Editora Vida, Rua Júlio de Castilhos, 280, Belenzinho, CEP 03059-000, São Paulo, SP, telefax (11) 6096-6814; 359 páginas.

Todos os dias surgem histórias de rompimento de laços familiares, tanto entre pais e filhos, como entre cônjuges. Entre outras abordagens, este livro apresenta oito grandes idéias para pastores e líderes, em seu trabalho com as famílias. Nele, o autor afirma que a igreja local é a maior fonte de esperança para as famílias modernas. Se as famílias são saudáveis, a igreja será sempre saudável. Para que isso ocorra, é necessário enfrentar as ameaças que as famílias sofrem diariamente.

VEJA NA INTERNET

www.cristaosit.com.br

Esse é um site de buscas, especializado em conteúdo evangélico. Seu objetivo é auxiliar o usuário da internet a encontrar rapidamente bons sites cristãos, de preferência em língua portuguesa. A classificação é bastante clara e abrangente, e os responsáveis pelo *CristaoSite* revisam periodicamente os links para se certificar de que não estejam desatualizados. Assim, ao clicar em um assunto, rapidamente são carregados os links existentes, com o título do



site, o endereço e uma breve descrição do conteúdo.

A classificação mais geral contém: Arte e Cultura, Educação, Estudos Bíblicos, Evangelismo e Missões, Família e Lazer, Igreja, Livros e Bíblias, Ministérios (casais, dependentes químicos, jovens e adolescentes, idosos, etc.), Músicas e Vídeos (cifras e letras de hinos, corinhos e música gospel), Pastores, Publicações (jornais, revistas e notícias online). Acho que você também vai querer adicionar esse endereço aos Favoritos. - Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira



Divulgação

O sermão de todo dia

Alejandro Bullón

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

Você já ouviu a história do pastor que pediu para ser transferido de distrito porque tinha esgotado todos os seus sermões? Embora eu ache que seja uma jocosa invenção de alguém, ela serve para mostrar as dificuldades que o pastor enfrenta para apresentar sempre uma nova mensagem à sua congregação.

Quando eu era um jovem pastor, evitava repetir o mesmo sermão. Tinha pavor da igreja achar que eu não tomava o tempo necessário para elaborar uma mensagem nova e apropriada às suas necessidades. Por isso, cada vez que terminava de preparar um esboço, decorava e jogava fora para não correr o risco de pregá-lo duas vezes. Dessa forma estava desafiando a mim mesmo a elaborar sempre novos sermões. Acho que foi desse modo que aprendi a pregar sem esboço.

O desafio de pregar algo novo e diferente muitas vezes leva o pregador a apresentar notícias do dia-a-dia, filosofias humanas ou anedotas interessantes. O povo gosta, ri, mas não é alimentado como deveria ser. O resultado é uma igreja fraca e sem compromisso com a missão.

Certo dia, durante os momentos de devoção pessoal, deparei-me com o que Paulo escreveu aos cristãos de Filipos: “A mim não me desgosta, e é segurança para vós outros que eu escreva as mesmas coisas” (Filip. 3:1). Com isso, o apóstolo afirma estar buscando novas idéias. A idéia central do evangelho está clara em sua mente: “decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (I Cor. 2:2). Porventura Paulo não falava sobre outros assuntos? Se você estudar suas epístolas, verá que ele trata de eclesiologia, vida moral, doutrina, família, dons espirituais e até disciplina eclesiástica. Mas o evangelho era a linha mestra de todas as suas mensagens. Todos os temas eram analisados à luz de “Jesus Cristo e este crucificado”.

Paulo não achava ruim apresentar repetidamente os mesmos assuntos. “É segurança para vós outros”, afirma. Ele sabia que existe uma lei da mente segundo a qual a constante repetição de uma mensagem leva inevitavelmente à ação. O inimigo também conhece essa lei. Por isso, sua mensagem, embora às vezes mude a roupagem, é sempre a mesma: “Tire os olhos de Deus e concentre-os em si mesmo, na natureza, ou em qualquer outra coisa, mas tire os olhos de Deus.” Foi assim no jardim do Éden e hoje continua sendo igual, através dos variados matizes da Nova Era e do existencialismo moderno.

Estudos científicos demonstram que qualquer pensa-

mento freqüentemente repetido influi na conduta posterior. Por exemplo: escreva uma frase mais de 60 vezes e ela fica gravada permanentemente em sua memória. Assim também, a formação dos hábitos e aspectos do caráter formam-se pela constante repetição de um pensamento, sentimento ou ação.

Observe o conselho de Deus: “Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como um sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos e as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas” (Deut. 6:6-9).

Não eram mensagens novas. Eram as mesmas, repetidas muitas vezes e de diferentes maneiras. Pense, por exemplo, no sacrifício do cordeiro em Israel. Era diário, contínuo. Semana após semana, mês após mês, o povo precisava ver a mensagem da graça no derramamento do sangue do cordeiro, símbolo do “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

O anjo de apocalipse 14, que simboliza o remanescente dos últimos dias, não apresenta um novo evangelho, nem outro evangelho, nem um evangelho diferente do Antigo Testamento.

É o único eterno evangelho. A grande notícia é que, embora o ser humano mereça a condenação à morte, por causa de seus pecados, há uma certeza de vida oferecida gratuitamente pelo Senhor Jesus Cristo que pagou a nossa culpa na cruz do Calvário. Você pode pregar sobre qualquer assunto da vida humana; mas Jesus Cristo precisa estar no início, meio e fim do sermão.

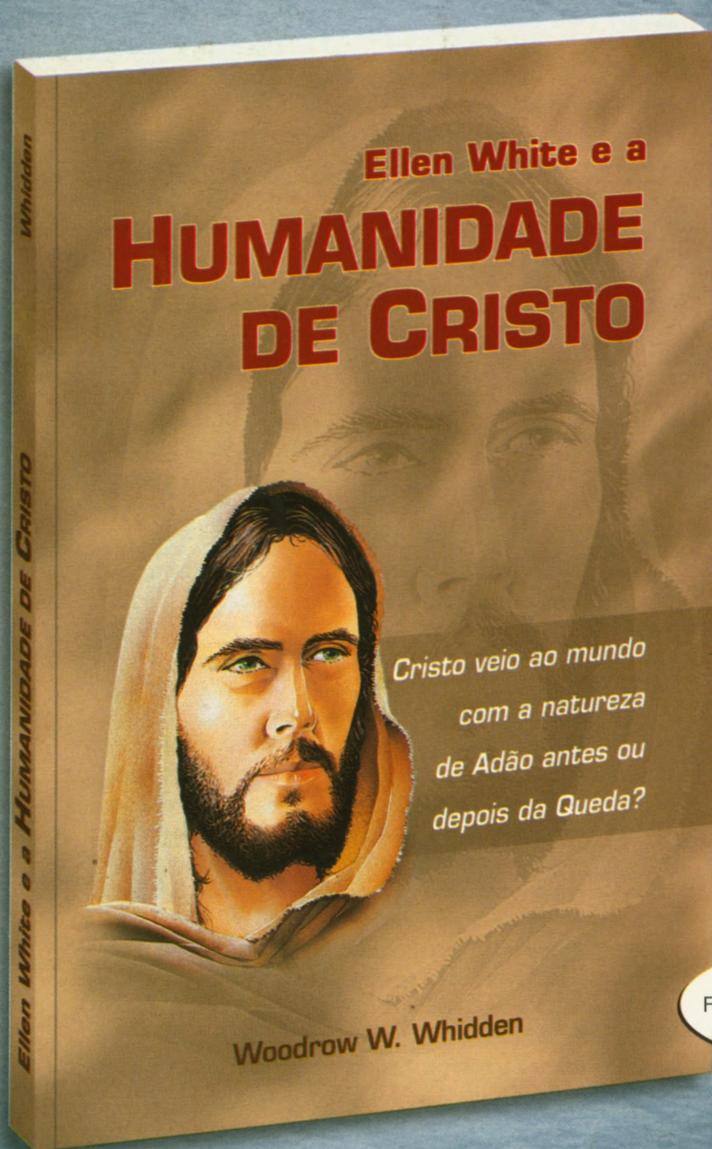
Este mundo está repleto de notícias ruins. Portanto, mais notícias ruins são a última coisa que as pessoas desejam ouvir na igreja. Elas buscam esperança e encorajamento. Jesus sabia dessa realidade e, por isso, sentia compaixão pelas pessoas. Nossa mensagem básica aos perdidos deve ser o evangelho. E lembre-se de que o evangelho não nos ensina apenas o que Jesus fez por nós, mas também o que podemos ser em Cristo. É aqui onde entram as doutrinas bíblicas. Apresentadas no marco do evangelho, as doutrinas oferecem às pessoas sem Cristo o que elas estão buscando desesperadamente: perdão, liberdade, segurança, sentido para a vida, amor, aceitação e motivação.

Meu querido pastor, busque respostas para suas inquietudes na Bíblia. Depois, com oração e espírito de gratidão pelas soluções divinas para seus problemas, prepare uma mensagem sobre a única e eterna boa-nova do evangelho. Pregue-a com a unção do Espírito Santo. Repita uma e outra vez. Não tenha medo. Isso é segurança para a igreja. **M**

Nossa mensagem

básica é o
evangelho.

Jesus era semelhante a Adão, antes ou depois da queda?



A resposta a essa pergunta é de suma importância, pois está diretamente relacionada com a compreensão da salvação. Por esse motivo, nos últimos 50 anos, tornou-se um dos assuntos mais estudados pelos teólogos adventistas. Em *Ellen White e a Humanidade de Cristo*, o autor analisa os comentários dessa escritora sobre esse assunto a partir de um enfoque cronológico. Assim, foi possível verificar como se desenvolveu a compreensão dela a respeito da humanidade de Cristo. Um livro que deve ser lido com a mente e o coração abertos.

Peça já o seu!

Páginas: 205
Formato: 13,5 x 20 cm
Cód.: 7828



Casa Publicadora Brasileira

Para fazer seu pedido, ligue: **0800-990606***, acesse: **www.cpb.com.br**, ou peça ao **SELS** de sua Associação.

* Chamada gratuita. Só recebemos ligações de telefones convencionais.